

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**ASRIEL SOUZA GONÇALVES**

**CHINA E A ÁSIA: OS DESAFIOS PARA ATINGIR  
UMA HEGEMONIA REGIONAL**

BAURU  
2017

**ASRIEL SOUZA GONÇALVES**

**CHINA E A ÁSIA: OS DESAFIOS PARA ATINGIR  
UMA HEGEMONIA REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Roberta Cava.

BAURU  
2017

Gonçalves, Asriel Souza

G635c

China e a Ásia: os desafios para atingir uma hegemonia regional  
/ Asriel Souza Gonçalves. -- 2017.

82f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações  
Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. China. 2. Hegemonia. 3. Ásia. 4. Ascensão pacífica. I. Cava,  
Roberta. II. Título.

**ASRIEL SOUZA GONÇALVES**

**CHINA E A ÁSIA: OS DESAFIOS PARA ATINGIR UMA HEGEMONIA REGIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel sob orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Roberta Cava.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Roberta Cava  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. Esp. Sebastião Clementino da Silva  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 20 de novembro de 2017.

“Se queres prever o futuro, estuda o passado.”  
(Confúcio)

## RESUMO

A China demonstra uma característica singular da sua sociedade e de todo o seu desenvolvimento no decorrer da história e, com a crescente ascensão econômica do país nas últimas décadas resultou em uma transformação no sistema internacional, o que fez com que a Ásia se transformasse num importante centro geopolítico. O objetivo deste trabalho é de analisar a história da China e discutir o restabelecimento da hegemonia chinesa no continente asiático. A partir de um desenvolvimento incomparável da China, verifica-se uma mudança no cenário internacional em que o país desempenha um papel de hegemonia na Ásia a partir da intensificação das relações na região e, dessa forma, se converta em um ator central no sistema internacional.

**Palavras-chave:** China. Hegemonia. Ásia. Ascensão pacífica.

## **ABSTRACT**

China demonstrates a unique characteristic of its society and all its development in history and with the country's continuous economic rise in the last decades resulted in a change in the international system. The aim of this study is to analyze the history of China and discuss the reestablishment of Chinese hegemony in Asia. From an incomparable rise of China, there is a transition in the international scenario in which the country plays a hegemonic role in Asia from the increase of relations in the neighborhood and thus becomes a central actor in the international system.

**Keywords:** China. Hegemony. Asia. Peaceful Rise.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2</b>	<b>FORMAÇÃO DO ESTADO CHINÊS</b>	10
2.1	DINASTIA XIA	12
2.2	DINASTIA SHANG	13
2.3	DINASTIA ZHOU	14
2.4	DINASTIA QIN	17
2.5	DINASTIA HAN	19
2.6	PERÍODO DE DESUNIÃO	23
2.7	PERÍODO DE REUNIFICAÇÃO SUI-TANG	24
2.8	DINASTIA SONG	27
<b>2.8.1</b>	<b>A relação da dinastia Song com os povos da Ásia-interior</b>	30
<b>2.8.2</b>	<b>A influência do governo não-chinês sobre a China</b>	33
2.9	DINASTIA YUAN	37
2.10	DINASTIA MING	38
2.11	DINASTIA QING	42
2.12	A REVOLUÇÃO REPUBLICANA	48
<b>3</b>	<b>PERCEPÇÕES DE HEGEMONIA</b>	53
<b>4</b>	<b>A DINÂMICA CHINESA NOS SÉCULOS XX E XXI</b>	60
4.1	REVOLUÇÃO MAOÍSTA	60
<b>4.1.1</b>	<b>O Grande Salto para Frente</b>	62
<b>4.1.2</b>	<b>Revolução Cultural</b>	65
4.2	DESENVOLVIMENTO CHINÊS, A ABERTURA DE MERCADO E SUAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	68
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	79
	<b>REFERÊNCIAS</b>	81



## 1 INTRODUÇÃO

A história chinesa percorre um caminho muito diferente daquele percorrido no contexto ocidental, uma vez que nenhuma das dinastias europeias, como os reis Capeto da França (987-1328) e os Habsburgo (1723-1919), reinou em um Estado tão amplo e nem monopolizou tanto o poder central como a China. Dividir a história chinesa em dinastias faz mais sentido que a periodização ocidental por séculos, posto que as dinastias chinesas eram tomadas como empreendimentos políticos, cheias de empenho humano, idealismo e traições – bem mais concretas e inteligíveis do que os séculos europeus, dos quais poucos se encaixam bem aos movimentos e tendências sob eles agrupados. A dinastia Qing foi a última da história chinesa antes da Revolução de 1911 que resultou no crescimento do sentimento nacionalista e assim gerou uma instabilidade no país que só foi se reerguer a partir da criação da República Popular da China em 1949.

Os Estados Unidos atualmente ainda se configuram como a superpotência no cenário internacional, todavia nas últimas décadas, a China demonstrou um crescimento econômico incomparável, e com isso se tornou em uma das principais parceiras econômicas do mundo, principalmente dos países em desenvolvimento. Contudo, apesar de sua forte influência e ser tida como a segunda maior potência mundial, a China ainda encontra grandes desafios para se estabelecer como a grande hegemonia asiática e estes desafios se encontram tanto no âmbito interno, como externo.

Tais desafios atuais se apresentam ao longo da articulação política chinesa, principalmente durante a era Mao Zedong e nas últimas duas décadas do século XX. A força e influência econômica chinesa são tão grandes que os Estados Unidos procuram meios para conter esse avanço chinês, para manter ainda sua ideologia na região asiática. Com isso, China e Estados Unidos se encontram em uma situação que necessitam um do outro para atingir seus objetivos. Nesse contexto, a abertura da República Popular da China para o comércio estrangeiro foi o início de um novo estágio do renascimento do leste-asiático – o estágio de uma nova recentralização da economia regional sobre a China.

Ao observar todo o desenvolvimento chinês ao longo de sua história, se torna inevitável presumir que a China desempenhará um papel de ator central com uma hegemonia regional indiscutível. Assim, a pesquisa toma como hipótese que em um período de curto a médio prazo, em torno de 20 anos, a China conseguirá articular uma estrutura estatal, econômica e política capaz de atingir seus objetivos de se tornar uma hegemonia regional, que permitirá ascender como ator central no sistema internacional.

O objetivo desse trabalho será analisar a atuação da China no continente asiático, dando importância a sua história e relação com os demais países, principalmente os vizinhos regionais. Dessa forma, evidenciar as relações chinesas durante as dinastias e sua política pós-1949, ao pesquisar as políticas internas e externas tomadas pelo governo chinês para compreender os objetivos da política diplomática adotadas pela China para reforçar suas relações regionais.

Desse modo, juntamente aos estudos sobre a história da China e sua política no meio internacional, essa pesquisa pode servir como uma análise geopolítica chinesa e seu papel no movimento do sistema internacional, e faz com que um grande número de pessoas consiga compreender o porquê dessa ascensão chinesa que fez com que cada vez mais países buscassem relações com a China. Assim, essa pesquisa buscará apontar os rumos que o sistema internacional irá tomar a partir do desenvolvimento chinês.

Para analisar da história da China e suas políticas que a fazem ser uma das grandes potências no cenário internacional, este trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordada toda a formação do Estado chinês desde o período Neolítico, em que a sociedade chinesa estava a se formar, para, em seguida, tratar da unificação do Estado chinês, conduzida pelo imperador Qin. Aqui, será possível explorar as dinastias que se sucederam a partir de então, e observar as mudanças e peculiaridades de cada uma e sua importância para a construção da sociedade chinesa. Esta etapa se encerra com a análise da última dinastia e a revolução que resultou na fundação da República Popular da China em 1949.

No segundo capítulo, o trabalho tratará do termo hegemonia e as diferentes formas de exercê-la e, conjuntamente, os meios que a China usa em sua política para atingir uma hegemonia regional, ao empregar em sua maior parte o uso do soft e smart power, seguindo o princípio de “ascensão pacífica”.

No último capítulo, será levantado o desenvolvimento feito pela China nas últimas décadas e as mudanças ocorridas em suas políticas após a fundação da República Popular da China, sendo apresentado a Revolução Maoísta liderada pelo Mao Zedong, as reformas feitas por Deng Xiaoping a partir de 1978 que resultaram em um excepcional crescimento econômico, o que levou novamente a ser um ator central nas relações internacionais.

Essa pesquisa possui abordagem qualitativa ao conter a exploração bibliográfica, que serão utilizados como referenciais para a relação de eventos que se elaborará. Também utilizará do método histórico-comparativo, pois irá recorrer aos fatos históricos e elaborar comparações que auxiliarão a interpretar os fatos ocorridos na sociedade chinesa e, a partir do embasamento teórico, refletir sobre as variáveis que afetam todo o cenário internacional. A

partir do estabelecimento de suas características, o estudo focará no desenvolvimento da sociedade chinesa e sua relação com outras sociedades e países, pois para compreendermos a situação atual da China são necessárias informações de toda sua construção. Para isso, autores como Henry Kissinger, Giovanni Arrighi, John Fairbank, Joseph Nye e Antonio Gramsci são importantes para tratar do fator histórico e político chinês e servirá como base do desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, toda a análise geopolítica que ocorreu desde os tempos de dinastias na China até os tempos atuais servirá como base para uma análise crítica do autor para tentar compreender e indagar os rumos da política chinesa e sua influência na Ásia.

## 2 FORMAÇÃO DO ESTADO CHINÊS

Este capítulo tem como objetivo trazer a formação histórica da China ao abordar desde o início de sua civilização até os dias atuais, as transformações ocorridas em seu território que possuem grande importância no que se conhece por hoje como o Estado Chinês.

Nesta etapa do trabalho, serão fundamentais as contribuições dos autores Sérgio P. Couto, John Fairbank, Merle Goldman e Henry Kissinger.

A história da China e toda sua formação até os dias de hoje é ainda um mistério. Pouco ou quase nada é divulgado nos países do Ocidente sobre a China, talvez um reflexo ainda tardio dos tempos em que era espalhada a crença que o comunismo presente no país era “coisa do diabo”. Hoje, os comunistas “não assustam tanto” e até têm relações com governos de outros países. Mesmo assim, não se sabe muito sobre a história milenar do país dos “filhos do dragão”; somente alguns destaques como a importância da Grande Muralha da China e da admiração que o exército de terracota do Primeiro Imperador desperta nas pessoas.

Historicamente, é dito que o nome China teria originado do seu Primeiro Imperador. Qin Shi Huang Di foi o primeiro a unificar a China e deu o nome à nova nação a partir do seu estado soberano que dominou os demais, o Estado de Qin (também grafado como Chin). Para estudiosos, o nome é baseado na pronúncia e na grafia, uma vez que China escreve-se como Zhōngguó no sistema Hanyu Pinyin (um método usado para transcrever no alfabeto latino o mandarim, nome oficial da língua chinesa), sendo que este termo pode ser traduzido como “país do meio”.<sup>1</sup>

Uma terceira possibilidade é que o termo China se origine da palavra chinesa para *chá*, a palavra chinesa para *seda*. Seja qual for a verdadeira origem da palavra, parece que, segundo essa tendência, teria em comum uma associação com um produto típico do país. O que se sabe ao certo, é que o termo China tem origem europeia e que não há similar em qualquer uma das línguas do ramo sino-tibetano, originárias daquele país.

Sobre o período histórico da China, podemos dividi-lo em Período Neolítico (12.000 – 2.000 a.C.), a Idade do Bronze (2.200-500 a.C.) e o início da Idade do Ferro (600-500 a.C.). Alguns documentos que datam do século XVI a.C em diante registraram os primórdios daquela civilização. Muitos estudos de diversas universidades chinesas defendem que a sua civilização surgiu como um amontoado de povos em volta do rio Huang He (rio Amarelo). Acerca do período pré-histórico chinês não há muita coisa para se falar. A China foi habitada

---

<sup>1</sup> COUTO, Sérgio P. **A Extraordinária História da China**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008, p. 12.

no início pela espécie *homo erectus* que teria vivido no período do Pleistoceno (entre 1.806.000 e 11.500 anos atrás), cujo espécime mais famoso é o chamado Homem de Pequim (*homo erectus pekinensis*), que foi descoberto em 1923. Há indícios que indicam a existência da agricultura por volta de 6000 a.C. e associados à cultura Peiligang, que era um grupo de comunidades do Neolítico encontrado nas margens do rio Yi-Luo na província de Henan. Sobre a unificação da China que ocorreu por volta de 221 a.C.:

A primeira unificação da China ocorreu por volta de 221 a.C., período em que se tornou um grande império. As dinastias que passaram a governar aquele país, bem no estilo das egípcias, desenvolveram sistemas de controle burocrático que permitiram ao Imperador administrar o vasto território que compunha a nação.<sup>2</sup>

A idade Neolítica, que começou há cerca de 12.000 a.C. na China, foi marcada pela expansão de comunidades agrícolas. A prática da agricultura causou o aumento da população e da habilidade de estocar e redistribuir colheitas, além de fazer com que artesãos e administradores continuassem a se especializar. No final do Neolítico, o vale do rio Amarelo começou a mudar no sentido de que se tornou um centro cultural, já que lá foi onde surgiram os primeiros vilarejos.

Descobertas em diversos sítios neolíticos mostram que durante esse período as habitações eram agrupadas em conjuntos, o que sugerem unidades de parentesco. Pontas de flecha indicam caça com arcos. Havia a domesticação de porcos e cachorros e estocavam seus grãos em jarros de cerâmica decorados com peixes, animais e plantas, além de símbolos marcadores de clãs ou linhagem, além de que durante a China Neolítica houve o feito da produção de seda.<sup>3</sup>

O período seguinte presenciou a aparição dos míticos Cinco Imperadores<sup>4</sup> que foram exemplos de administração e foram considerados sábios, mas um em especial, conhecido como Imperador Amarelo, é apontado como sendo o ancestral do povo chinês. A “hereditariedade do poder político” seria estabelecida até o período histórico seguinte, o da

---

<sup>2</sup> COUTO. Op. Cit., p.14.

<sup>3</sup> FAIRBANK, John K.; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história**; tradução de Marisa Motta. – 3 ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, p. 48.

<sup>4</sup> Os Cinco Imperadores são considerados reis sábios e de moral perfeita, sendo eles o Imperador Amarelo (Huang Di), que teria reinado entre 2698 e 2599 a.C. e considerado o ancestral de todos os chineses da etnia Han, o maior grupo étnico da China. O segundo é Zhuanxu que reinou entre 2514 e 2436 a.C., neto do Imperador Amarelo e conhecido pelas suas grandes contribuições para a astrologia e para o calendário. O terceiro é Ku, que reinou entre 2436 e 2366 a.C., bisneto do Imperador Amarelo. O quarto é Yao (2358-2258 a.C.). O último é o Shun (2255 e 2195 a.C.), conhecido também como Grande Shun, foi muito glorificado por suas virtudes por parte de Confúcio e seus seguidores.

dinastia Xia, cujo modelo foi mantido pelas duas seguintes, Shang e Zhou, tempo que se começa a sair do campo mítico e adentra o histórico.<sup>5</sup>

Dessa forma, discorreremos a seguir sobre a primeira das três dinastias que pertencem ao período Neolítico na China, bem como suas características e a sua relevância no processo histórico chinês.

## 2.1 DINASTIA XIA

A Dinastia Xia (Figura 1) foi a primeira dinastia chinesa, entre os séculos XXI e XVI a.C., em vigor durante mais de 500 anos. A fundação da Dinastia pelo Rei Dayi marcou a substituição da sociedade primitiva pela de propriedade privada, daí a China entrou na fase da sociedade escrava. Havia uma situação caótica na corte e as diferenças entre as classes tornaram-se maiores. Quando Xia Jie ou Rei Jie de Xia, o último a governar a dinastia, subiu ao trono viu-se que o mesmo não possuía talentos para administrar um reino, o que resultou que este vivesse uma vida corrupta levada pelo poder que possuía. Jie, acusado de ser um tirano, matava os ministros que reclamavam da situação e que apresentavam alternativas. Conseqüentemente, eles terminaram por se rebelarem um após o outro até que o primeiro reino, sob o domínio do governante, o de Shang, levantou-se contra e venceu o exército de Xia. Jie fugiu e morreu na terra de Nanchao, o que o fim à dinastia. Historicamente pouco se pode provar sobre a existência dessa dinastia, que continua a ser uma polêmica entre os acadêmicos.<sup>6</sup>

Com o fim da era da Dinastia Xia, a Dinastia Shang se consolidou no território chinês e se tornou a segunda dinastia a reinar durante o período Neolítico, além de que é a partir dos Shang que se encontram documentos pertencentes àquela época.

---

<sup>5</sup> COUTO. Op. Cit., p. 15.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174860.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

Figura 1 – Território da Dinastia Xia



Fonte: (DINASTIA..., [201?]).

## 2.2 DINASTIA SHANG

Apesar dos Xia serem a primeira dinastia da história da China, os que tiveram sua existência confirmada a partir de documentos foram os da dinastia seguinte, a Dinastia Shang (Figura 2), fundada no século XVI a.C. com o fim dela no XI a.C. Sua capital foi mudada inúmeras vezes nos primeiros anos de reinado e ficou na região de Ying, próxima à província atual de Henan. Alguns objetos encontrados em sítios arqueológicos demonstram que logo no início dessa dinastia, a China se encontrava já em um alto nível de produção de objetos. Séculos mais tarde, antiquários da era Song ficaram interessados nos vasos ritualísticos de bronze herdados dos Shang, alguns com inscrições. Estudos sobre objetos desenterrados mostram que durante essa dinastia o Estado já havia se formado, e a propriedade privada já era estrutura, podendo concluir que a partir da Dinastia Shang, a história da China antiga já entrou na sua época de civilização.<sup>7</sup>

Dessa forma, houve uma mudança populacional maior das aldeias do interior para as cidades capitais devido ao desenvolvimento adquirido durante esse período, e essa reorganização demográfica se acentuou na transição da dinastia Shang para a Dinastia Zhou. A época dos Zhou foi a última do período Neolítica, antes de toda a transformação que viria a ocorrer, e assim resultar em um novo sistema de governo.

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<http://portuguese.cri.cn/chinaabc/chapter14/chapter140102.htm>>. Acesso em 26 ago. 2017.

Figura 2: Território dos Shang



Fonte: (SHANG...,2014).

### 2.3 DINASTIA ZHOU

A transição entre as aldeias neolíticas da cultura Longshan para as cidades capitais das Três Dinastias da Idade do Bronze<sup>8</sup> foi aparentemente tranquila, que podem ser vistas como fases sucessivas de um único desenvolvimento cultural. Observando-se as ferramentas e as armas, os potes e vasos de bronze e outros aspectos, pode-se perceber um alto grau de homogeneidade e continuidade culturais. Outro fato importante é que:

Uma dinastia sucedeu à outra por meio de guerras, mas não há indícios de intrusão violenta por parte de uma cultura exterior. Além disso, Xia Shang e Zhou estabeleceram seus centros em três diferentes áreas e parecem ter coexistido. A “sucessão” Shang e Zhou consistiu em se tornar o centro dominante do antigo Norte da China.<sup>9</sup>

A terceira dinastia da China, a Zhou (Figura 3), foi fundada em 1027 a.C. e terminou em 256 a.C., quando foi derrubada pela Dinastia Qin, que é considerada a primeira dinastia feudal da China. Seu reino durou 770 anos e transferiu a capital para o leste, onde marcou seu reinado em dois períodos, a Zhou do Oeste e a Zhou do Leste. Após essa transferência, há mais dois períodos: o das Primaveras e Outonos, e o dos Estados Combatentes. Aqui, “após finalmente se estabelecerem no vale do rio Wei, os governantes Zhou se tornaram vassalos

<sup>8</sup> A Idade do Bronze na China se iniciou aproximadamente em 2.200 a.C. tendo transcorrido durante as três dinastias neolíticas (Xia, Shang e Zhou). A indústria de fundição de bronze da dinastia Shang produziu diferentes vasilhas com diversas formas, assim como armas bélicas. As vasilhas de bronze eram utilizadas em costumes e cerimônias rituais. Pela diversidade das formas e a riqueza de seus motivos artísticos, as vasilhas de bronze chinesas da Antiguidade são fabulosas obras de arte em metal.

<sup>9</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 50.



dos Shang até se fortalecerem o suficiente, em torno de 1040 a.C., para conquistar os Shang por meio da guerra”<sup>10</sup>.

Depois de conquistarem a planície leste, o poder dos Zhou se expandiu. O regime foi estabelecido pela implementação do que foi chamado de rede feudal, outorgando aos filhos dos governantes o controle de cinquenta ou mais estados vassallos. A expansão do poder central dos Zhou envolveu de certo modo, um grau de aculturação dos que a eles se submeteram, sobretudo na propagação do sistema de escrita, dos rituais e na administração a que tal sistema servia. Gradativamente, o casamento entre povos diferentes, a aculturação (no sentido da mistura entre as distintas culturas) e o começo de um governo burocrático criaram os estados que sobreveio o domínio Shang-Zhou, o que fez com que esses estados herdassem várias misturas culturais e emergiram como entidades políticas distintas durante o período dos Reinos Combatentes, que aconteceu por volta de 400 a.C.<sup>11</sup>

Entre 770 e 476 a.C. desenrolou-se o chamado período das Primaveras e Outonos, que possui esse nome devido aos *Anais das Primaveras e Outonos*, uma crônica do mesmo período cuja autoria é atribuída tradicionalmente a Confúcio<sup>12</sup>. Foi durante essa época que o governo se descentralizou, pois o poder dos Zhou já estava a ser minado aos poucos pelo crescimento de diversos estados familiares aristocráticos fora do seu controle central. Ao longo desse período existiam cerca de 170 desses estados, cada um centralizado em sua capital murada, no qual formavam alianças e ligas e travavam um agitado conflito diplomático-militar, um absorvendo o outro. Teria sido inclusive no último período dessa era que nasceu Confúcio.

Por fim, veio então o chamado período de Estados Combatentes ou Reinos Combatentes (Figura 4) que durou de 403 a 221 a.C. Os estados soberanos durante essa época lutavam entre si pela hegemonia e o controle dos demais, além do surgimento de outros estados, como os de Zhao, Han e Wei. A unificação da China pelo Primeiro Imperador teria acontecido ao final desse período.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 54.

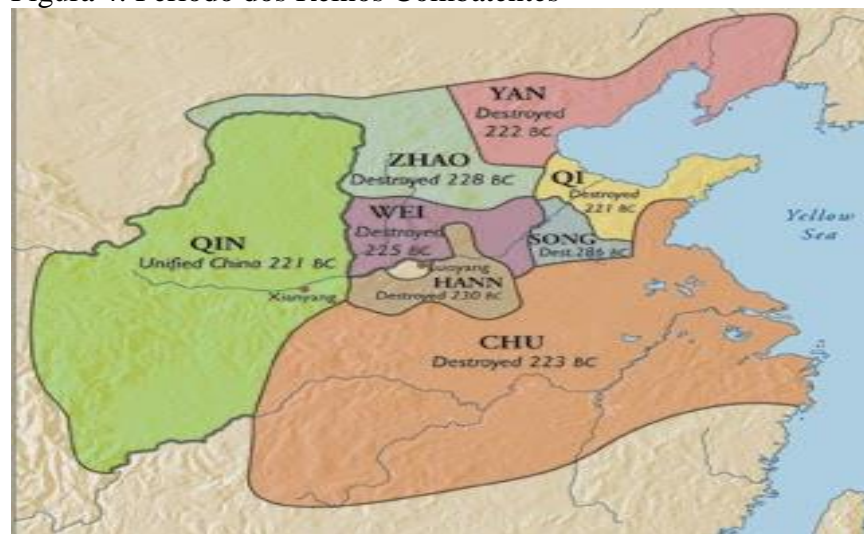
<sup>11</sup> Ibid. p. 55.

<sup>12</sup> Confúcio foi um filósofo chinês que viveu 72 anos (551 a.C. – 479 a.C.), criador do confucionismo, um conjunto de ensinamentos sobre a moral e ideologia política que veio a triunfar na China por volta do século II a.C. A ideia de Confúcio era criar um novo tipo de aristocracia baseada exclusivamente no mérito pessoal, em substituição à nobreza militar hereditária. Os valores mais importantes no confucionismo são: disciplina, estudo, consciência política, trabalho e respeito aos valores morais. Embora não seja uma religião, existem templos confucionistas, onde ocorrem rituais de ordem social.

<sup>13</sup> Informações Disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174862.htm>>. Acesso em 29 ago. 2017.

No decurso dos anos, várias mudanças na situação geopolítica dos estados foram marcadas, uma vez que muitos deles, pequenos e médios, foram anexados pelos grandes estados até sobraarem apenas os sete maiores, conhecidos como Reinos Combatentes: Qin, Chu, Yan, Han, Zhao, Wei e Qi. Embora a maioria tivesse se dedicado a realizar reformas, o crescimento mais significativo ocorreu no estado de Qin, onde apesar de possuírem uma cultura menos renomada, ele estava estrategicamente bem situado ao oeste, local em que os Zhou tinham subido ao poder havia tempo.<sup>14</sup>

Figura 4: Período dos Reinos Combatentes



Fonte: (PERÍODO...,2007).

O arcabouço gerado pelos Zhou proporcionou uma base para os Qin pensarem em uma nova estrutura de governo. Influenciados pela ideia legista, e temerosos de criarem um sistema falho, os Qin promoveram uma proposta centralizadora e unificante, pautada numa lei rígida, que eficazmente colocou este principado na ponta pela corrida do poder. Assim, aproveitaram as experiências negativas do Zhou e elaboraram um projeto novo de governo. Apesar de contestado na época, o pragmatismo dessas propostas vingou o que gerou uma estrutura política na China que seria milenar.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit. P. 67.

<sup>15</sup> Informações disponíveis em: <<http://china-antiga.blogspot.com.br/2007/07/perodo-zhou.html>>. Acesso 31 ago. 2017.

Figura 3: Território da Dinastia Zhou



Fonte: (CRECIMIENTO...,2015).

## 2.4 DINASTIA QIN

Com a intensificação das rivalidades entre Estados, começaram a surgir aspectos de uma nova ordem que levaria à unificação dos Reinos Combatentes. Entre esses aspectos estavam o uso de exércitos de infantaria, além do uso do ferro nas ferramentas e armas, levando ao aumento da produção agrícola, do comércio e dos exércitos.

Grande parte desse crescimento ocorreu nos sete dos mais persistentes Reinos Combatentes. Os governantes haviam começado a estabelecer uma administração centralizada com impostos uniformes, códigos legislativos – com o objetivo de criar um governo forte e centralizador para evitar o ocorrido durante a dinastia Zhou -, monopólio do sal e um exército central. O rei Qin, que viria a se autointitular Primeiro Imperador, tinha como vantagens as reformas que vinham sendo instituídas pelo conselheiro legalista do rei, Shang Yang. A postura legalista se baseava em normas duras e efetivas, e sustentava recompensas e os castigos como as “duas rédeas” pelas quais se mantinha o povo em ordem. “A meta do rei era de preservar o poder, não importando se isso beneficiaria o povo. Não se presumia comunhão de interesses entre rei e súditos”<sup>16</sup>.

As reformas de lorde Shang fortaleceram o poder dos Qin, porém o rei tinha um problema básico que era descobrir como o centro poderia dominar as linhagens locais. Para isso, os Qins incrementaram a burocracia. Assim, o Estado foi dividido em 31 condados, cada um administrado por um magistrado indicado pelo poder central. Posteriormente, criou-se

---

<sup>16</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 67.

uma série de classificações honorárias com isenções de trabalhos ou impostos e até mesmo a outorga da renda de certas terras.

Nesse período, o povo possuía permissão para comprar e vender terras, estimulando a atividade agrícola. As doutrinas de governo legalistas concentravam-se nas leis executivas com o intuito de apoiar a agricultura e fortalecer o Estado em vez da família. O controle estatal do povo fortaleceu o poderio militar dos Qin. Sua posição de defesa foi fortalecida economicamente pela construção de canais e redes de irrigação.

Em 221 a.C. os exércitos Qin derrotaram os demais estados e o Primeiro Imperador dividiu seu novo império em 36 capitânicas, cada uma subdividida em diversos condados. Essas capitânicas eram lideradas por um governante civil e um comandante militar, com um inspetor imperial para vigiar o governador. Houve a padronização da escrita e a unificação da mesma de duas formas: a chamada escrita de selo, empregada para inscrições em pedra e gravações formais, e uma escrita mais cursiva e simples, utilizada no dia-a-dia. Pesos, medidas e moeda também foram padronizados, além das construções de estradas imperiais.<sup>17</sup>

Em relação à segurança, muralhas foram construídas pelos Qin e outros Reinos Combatentes, e mais tarde por algumas dinastias. A Grande Muralha da China foi concebida como uma barreira que isolaria o império de Qin. Seus muros são constituídos por grandes blocos de pedra ligados por uma argamassa feita principalmente de barro. A construção ocupa três mil quilômetros destinados a conter as invasões de povos que ocupavam as terras ao norte do país. Após a época do Primeiro Imperador, teve um período marcado por grandes agitações políticas e revoltas. Nesse meio tempo, os trabalhos da Grande Muralha foram paralisados e só retornaram por volta de 205 a.C. A esse respeito:

O atual aspecto da muralha data do século XV, quando a Dinastia Ming (a dos famosos vasos) estava no auge do seu esplendor. A muralha contava então com sete mil quilômetros de extensão e ia de Shangai, a leste, até Jiayu, a oeste. Atravessava quatro províncias (Hebei, Shanxi, Shaanxi e Gansu (e duas regiões autônomas (Mongólia e Ningxia))). Porém, por maior que fosse a obra, não conseguiu impedir de todo as incursões de mongóis, xiambeis e outros povos que ameaçaram o império chinês ao longo de sua história. Foi no século XVI que perdeu sua função estratégica e terminou por ser abandonada.<sup>18</sup>

Sob o domínio dos Qin, as pesadas demandas de homens e tributos impostas a cada ano pelo Primeiro Imperador acabaram por esgotar o povo e os recursos do Estado. Após quase 40 anos governando, o imperador morreu repentinamente em 210 a.C. Seu império

---

<sup>17</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 68.

<sup>18</sup> COUTO, Op. Cit., p. 31.

desintegrou-se rapidamente. Além da unificação de todo o mundo conhecido, o imperador buscava o elixir da imortalidade para uso pessoal. A ideologia do seu regime era inadequada ao ato de governar, e seu governo, que duraria séculos, dissipou-se em apenas quatro anos após sua morte. Entretanto, seu maior legado foi a unificação do país e sua autonomia como nação. “Os sucessores, imperadores das dinastias Han Anterior e Posterior (206 a.C.-220 d.C.) continuaram a expandir os métodos Qin de controle burocrático, porém de forma mais gradual e associada a uma cosmologia moral abrangente centrada no imperador”<sup>19</sup>.

A unificação da China pelo imperador Qin acabou com a história de divisão da China, tendo formado um grande império feudal que possui a nacionalidade Han como principal, unindo outras minorias étnicas, de modo que a história da China virou uma página. Sem deixar substitutos à altura, a China se lançou mais uma vez em uma guerra civil, mas dessa vez rápida, que fez ascender ao poder o ex-camponês Liu Bang, fundador da dinastia Han, em 206 a.C.

Figura 5: Território da Dinastia Qin após a unificação



Fonte: (O PRIMEIRO...,2010).

## 2.5 DINASTIA HAN

A dinastia Han (Figura 6) teve seu início da sua administração do império chinês em 206 a.C. e durou até 220 d.C. Está dividida em pelo menos duas partes: a Han Ocidental (ou Anterior, entre 206 a.C. e 9 d.C.) e a Han Oriental (ou Posterior, entre 25 e 220 d.C.). O Imperador Gao (também chamado de Liu Bang) foi o fundador dessa dinastia que tinha sua

<sup>19</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 69.

capital estabelecida na cidade de Chang'an. Foram instauradas catorze capitânicas para governar o oeste do império, o que permitiu que dez reinos aristocráticos comandassem a metade mais populosa do Leste.

Gao governou por sete anos e reforçou o poder centralizado. Ele estabeleceu uma série de políticas relativas à vida do povo, com as quais consolidou seu domínio. Morreu em 159 a.C. e foi substituído pelo Imperador Hui, apesar de o poder ser exercido na prática pela Imperatriz Lu Zhi, de 16 anos na época, uma das poucas governadoras imperiais da história chinesa. Logo após, vieram os imperadores Wen (179 a 157 a.C.) e Jing (156 a 141 a.C.), que aplicaram uma política favorável ao povo com a redução de impostos, o que fez com que a economia prosperasse. Jing Di foi considerado como um dos melhores governadores de toda a história da China, sendo comparado até como uma espécie de “sopro revitalizador” no período que seguiu o Primeiro Imperador. Depois do domínio de Wen e Jing, o poder dos Han foi incrivelmente fortalecido.<sup>20</sup>

Os imperadores da dinastia Han colocavam seus filhos para governar os reinos e paulatinamente reduziram seus territórios e o tamanho de suas cortes. Existiam 84 capitânicas e dezoito reinos em 108 a.C., que, por serem menores, possuíam maior facilidade de controle. Os imperadores distribuía certos marquesados, que eram certos tributos sobre a terra e a população, que eram arrecadados por parentes e homens de mérito e que assim seriam partidários aristocráticos do trono na região.

A burocracia criada pelos Qin e Han amparava o poder estatal de inúmeras formas. Uma era o correio do governo, que mandava mensagens pelas estradas. Outra forma eram os inspetores regionais, nomeados pelo imperador, que viajavam pelas áreas de sua incumbência e forneciam relatórios anuais sobre a administração local à secretaria imperial na capital de Chang'an. O grande problema era de que forma verificar o ressurgimento de famílias aristocráticas locais com seus próprios recursos de mantimentos e guerreiros.

Na capital, surgiu um problema semelhante para o governante Han: como evitar a dominação da corte pela família da imperatriz. Quando um imperador Han morria, a imperatriz viúva era a encarregada de nomear o sucessor de seu marido do clã Liu (o clã de imperadores Han). Ela podia indicar um menor do clã Liu como imperador, e um homem-forte regente do seu próprio clã para governar em nome dele. Outras famílias de imperatrizes

---

<sup>20</sup> Informações disponíveis em: <<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174869.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

já haviam feito isso. No entanto, o imperador poderia confiar nos eunucos<sup>21</sup> do palácio, cuja castração os capacitava a vigiar as mulheres escolhidas para o harém do imperador. Assim, os eunucos poderiam ser os únicos partidários confiáveis do imperador contra a família de uma imperatriz.<sup>22</sup>

Para controlar os residentes da capital, o imperador dividiu a cidade em 160 distritos, cada uma com muralha e portão próprios e supervisionados por um grupo seletivo de residentes. O estado Han também tentou dominar a vida econômica. Todo o comércio urbano era dentro dos mercados do governo, o qual os funcionários determinavam os preços das mercadorias além de arrecadarem os impostos que iam direto para o tesouro real. Os donos de lojas registradas nas cidades sofriam uma grande discriminação comparada aos mercadores sem registro. Enquanto os mercadores registrados não podiam possuir terras, tornar-se funcionários nem ter um estilo de vida requintado, os mercadores sem registro, que geriam estalagens nas estradas postais e comercializavam em outras cidades e países ficaram ricos.<sup>23</sup> Criaram conexões com funcionários do governo, tornaram-se latifundiários, acumularam bens, especularam e conseguiram grandes lucros com a exportação de ouro e seda pelos oásis da Rota da Seda para a Ásia Ocidental e Roma. Um departamento do governo responsável pelo comércio poderia ter algum poder se não fossem os valores confucianos, que de acordo com Kissinger “... a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) adotou o pensamento confucionista como a filosofia oficial do Estado.”, em condenar fortemente a sede pelo lucro. Em deferência à ideologia confuciana, os pronunciamentos oficiais dos dois mil anos seguintes depreciariam os comerciantes, enquanto os funcionários a trabalho ganhariam com licença e tributos e dividiriam os tratados privados com eles.

Houve também por parte do governo a monopolização de mercadorias, a começar pelo sal (necessidade diária em uma dieta de grãos) e ferro (necessário tanto para ferramentas rurais como para armas). A ideia desse monopólio de sal era para que os fabricantes autorizados vendessem seu produto para o governo ou comerciantes de sal autorizados, e dessa forma, acumular os impostos do governo que incidiriam sobre cada etapa de produção, transporte e venda. Depois de muitos experimentos com cunhagem de moedas de cobre por comerciantes e autoridades regionais, a cunhagem de “dinheiro” – uma moeda de cobre com

---

<sup>21</sup> Eunuco é um homem castrado, que teve seu testículo e/ou pênis removidos. Na China, os eunucos eram funcionários do imperador que podiam chegar perto da família real. Além de serem responsáveis de organizar a vida sexual do imperador com a imperatriz ou com as concubinas, também eram responsáveis pelas roupas, comidas, entretenimento e também dispunham de grande influência no que dizia respeito até as guerras.

<sup>22</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 70.

<sup>23</sup> Ibid.

um buraco quadrado no centro – se tornou também um dos principais monopólios do governo.<sup>24</sup>

Ocorreram diversas mudanças durante os quatro séculos de governo Han, não apenas um aumento demográfico, mas também um crescimento das propriedades dos magnatas locais, que conquistavam a posse das terras de camponeses empobrecidos que não conseguiam pagar suas dívidas. O imposto territorial do governo era leve, de um décimo a um trigésimo da colheita, ao passo que o aluguel pago pelos meeiros a seus senhorios ia da metade a dois terços da colheita. Conforme o governo Han foi perdendo o vigor, houve a desistência de alguns de seus monopólios e controle de mercados por parte dos seus dirigentes, enquanto os aristocráticos e famílias de comerciantes se fortaleciam.

Ao mesmo tempo, o comércio exterior e a expansão militar foram estimulados com o crescimento econômico dos Han no Norte da China. Sob o comando do Imperador Marcial (Han Wudi, de 140 a 87 a.C.), os exércitos chineses penetraram no sul da Manchúria, norte da Coreia, sul-sudeste da China e norte do Vietnã. Nessas áreas, era possível ser estabelecidas capitânicas sobre populações camponesas. Somente ao norte e noroeste existia uma fronteira instável.

O poder dos Han havia aumentado muito, o que também provocou algumas pessoas e fez com que houvesse levantes. No ano 8 da era cristã, Wang Mang tomou o poder, mudou o nome do reino, o que marcou assim o fim dos Han do Oeste. Essa dinastia possuía um governo favorável ao povo, com estabilidade política e econômica. Durante esse período foi registrado um grande desenvolvimento na indústria de ateliê, comércio, cultura e arte, bem como nas ciências naturais. O aumento do nível científico provocou alterações nos de fundição, metalurgia e tecelagem. Do mesmo modo, houve um grande desenvolvimento os intercâmbios diplomáticos e comerciais com países da Ásia Ocidental por meio da Rota de Seda. Durante a Dinastia Han do Leste (25 a 220 d.C. do Imperador Guangwu, os dialetos foram unificados e a miscigenação dos diversos grupos étnicos que viviam na região começou.

Nesse sentido:

Na mesma época, a China iniciou sua expansão para o ocidente e estabeleceu protetorados e rotas comerciais, realizando comércio inclusive com o Império Romano. Assim, no começo da Dinastia Han do Leste, graças ao reforço do poder centralizado e da união entre as forças regionais, o país estava numa fase estável economicamente, com ciência e tecnologia bem superiores às observadas na Dinastia Han do Oeste. Porém, quando a dinastia já estava em seus últimos anos, os

---

<sup>24</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 72.



homens das estepes (ou seja, os mongóis) voltaram a atacar o território depois de muitos anos de paz. Essas invasões e outras revoltas internas da nobreza geraram uma série de lutas que durariam cerca de 75 anos no total. Assim os Han do Leste foram destronados e o país se dividiu em três reinos: Wei, Shu e Wu.<sup>25</sup>

No início, foram os reinos de Wei, Shu e Wu (entre os anos 189 e 265), que foram acabados com Jin do Oeste, porém, o último durou pouco tempo (entre os anos 265 e 316) com mais divisões. Quando Jin do Oeste estabeleceu Jin do Leste (entre 317 e 420) ao Sul do Rio Yangtzé, o norte se aprofundou em uma caótica situação com 16 reinos lutando pelo poder, a ser explanada a seguir.

Figura 6: Território da Dinastia Han



Fonte: (DINASTIA..., [201-?]).

## 2.6 PERÍODO DE DESUNIÃO

As alternâncias de poder entre os líderes, muitos dos quais não eram chineses, e suas dinastias passageiras no Norte e no Sul durante o período das Seis Dinastias, são extremamente complexas, de tal forma que a partir desse momento estabelece-se uma clara divisão entre China setentrional e meridional, divisão que persistiria até o fim da era em 589 d.C.

O mecanismo básico do declínio dos Han se repetiu: o surgimento de poderes locais ou regionais que eclipsaram os da dinastia central. A fragilidade do centro teve origem de diversas razões: a sucessão de imperadores Han incompetentes, a dominação pela família da imperatriz além de outras rivalidades entre facções na corte. Essas fraquezas internas se

<sup>25</sup> COUTO, Op. Cit., p. 21.

envolveram com o crescimento do poder local e regional nas mãos das famílias aristocráticas. O desastre definitivo foi em 220, com uma revolta de famílias aristocráticas ex-nômades do Norte da China e seus servos.

No decurso desta época, dois processos estavam em andamento que fomentariam mais de três séculos de desunião entre o Norte e o Sul da China – primeiro, a incursão recorrente dos povos nômades ao Norte da China, e segundo (em parte como consequência), a migração dos chineses da dinastia Han para as áreas mais amenas e férteis do vale Yangzte, mais ao sul do país. Isso ocasionou em um duplo desenvolvimento de pequenas dinastias regionais ao norte e ao sul. Posteriormente a era conhecida como a dos Três Reinos (220 a 265 d.C.), uma sucessão conhecida como as Seis Dinastias do Sul da China ao longo e abaixo do Yangzte e, no Norte da China, vemos uma situação mais caótica com cerca de 16 reinos que lutavam pelo poder.<sup>26</sup>

Enquanto isso o sul tinha sua economia desenvolvida e por este motivo, os grupos do oeste e do norte mudaram para o sul, o que acabou gerando uma convivência pacífica e harmoniosa. Nessa época surgiram as escolas de pensamento da filosofia Xuan, do budismo e do taoísmo. Na época áurea do budismo na China, do século X ao IX, o confucionismo foi encoberto, e os ensinamentos budistas tiveram forte efeito na cultura chinesa, tanto ao norte como ao sul.

## 2.7 PERÍODO DE REUNIFICAÇÃO SUI-TANG

A falta de uma organização ortodoxa central durante o período de desunião fez com que as Seis Dinastias do Sul e os Dezesesseis Reinos do Norte se diferenciassem e invassem. Os três séculos das dinastias Sui-Tang (581 a 907 d.C) fizeram restabelecer o ideal chinês de unidade desenvolvido sob os Han. O Norte da China havia sido devastado pelos nômades, enquanto o Sul se prosperou de forma relativamente pacífica. Na época moderna, o Sul da China abrigava dois terços da população chinesa, contudo no século VI ao X a grande massa popular da China ainda habitava a planície Norte, facilmente unificada, onde foi constatada uma grande quantidade de prefeituras, cada uma com cem mil moradias. Assim, a centralidade do Norte da China era um fator de união, quem quer que a controlasse poderia facilmente subjugar as demais áreas, incluindo o Sul da China.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 82.

<sup>27</sup> Ibid. p. 85-86.

O último dos Dezesesseis Reinos já havia unificado o Norte da China quando o fundador dos Sui tomou o poder em 581. Ele elaborou imediatamente um novo código judicial com quinhentos artigos, impôs a ordem no governo local e continuou com diversas instituições iniciadas por reinos anteriores. Entre estas estava o sistema de “campo igualitário” que deveria anualmente reservar vários acres de terra cultivável a um homem adulto. A conquista do Sul pelos Sui ao longo do Yangtze não foi muito destrutiva, e o segundo imperador, Sui Yangdi, foi capaz de mobilizar os recursos do império para grandes projetos. A tentativa de conquista da Coreia por Yangdi esgotou seus recursos, contribuindo para disseminar a rebelião e assim ocasionar na sua perda do mandato.

Figura 7: Território da Dinastia Tang



Fonte: (ACADEMY...,2009).

Os fundadores da dinastia Tang (Figura 7) foram mais prudentes. No governo do segundo imperador, os exércitos Tang se espalharam por todas as direções, derrotando os coreanos, expandindo-se ao sul pelo norte do Vietnã e, principalmente, forçando seu domínio na Ásia Central. Essa expansão abriu caminho para um maior contato com a Ásia Ocidental, sendo que a capital dos Tang em Chang'an tornou-se uma grande metrópole internacional, um marco do mundo eurasiático. Entre 600 e 900, não havia capital ocidental que ganhasse dela em tamanho e esplendor.<sup>28</sup>

A partir do terceiro imperador é que se inicia o declínio dos Tang. O terceiro imperador tinha pouca relevância política, embora a imperatriz Wu tenha compensado ao controlar o poder aristocrático por meio século, primeiro por intermédio dele, depois por meio

<sup>28</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 87.

de seus jovens sucessores e finalmente durante algum tempo, como imperatriz de uma dinastia recém-declarada. Apesar de talentosa e hábil, seus métodos assassinos e ilícitos de conservação de poder arruinaram sua reputação junto aos burocratas do sexo masculino. Ao passo que o segundo imperador governou por um método prático e ativo, trabalhando com seus conselheiros todos os dias, as manipulações da imperatriz Wu fizeram do poder imperial algo mais remoto, conspiratório e despótico.<sup>29</sup>

Os Tang atingiram o auge de sua prosperidade e esplendor sob o governo do imperador Xuanzong (713-755), mas as falhas se acumulavam. Havia uma exagerada expansão militar, que promovia altos custos. À medida que a Corte Externa subordinada aos Seis Ministérios foi-se tornando mais ritualizada e sobrecarregada, os altos funcionários foram se envolvendo cada vez mais em partidarismos mesquinhos, enquanto o imperador usava os eunucos para sustentar seu controle da Corte Interna. De 755-763, uma rebelião altamente destrutiva assolou o país. O reino Tang foi restaurado nominalmente oito anos depois, mas durante o próximo o século e meio o poder dos Tang não voltou a renascer de fato.

Após a rebelião, poucos dos imperadores Tang conseguiram reorganizar-se e centralizar o poder, mas a época áurea dos Tang já havia passado. A Corte Interna estava abalada pela confiança do imperador no poder dos eunucos, e a Corte Externa era destruída por um partidarismo extremo. Em seu meio século final, os Tang foram uma lição concreta de anarquia, o qual a corrupção de funcionários, tanto civis como militares chegou a um nível absurdo além da opressão grosseira aos camponeses aldeões. Gangues aglutinaram-se em hordas armadas, saqueando tudo o que viam pela frente. Em 907, o fim oficial da dinastia Tang, os turcos e outros povos não chineses ocuparam boa parte do Norte da China, e o poderio militar floresceu em outro lugar.

Desses escombros, estados regionais conhecidos no Norte da China como as Cinco Dinastias e, no Centro e no Sul, como os Dez Reinos emergiram. O problema do poderio militar generalizado só seria resolvido com a chegada da dinastia Song, em 960.<sup>30</sup>

Assim sendo, no período das dinastias Sui e Tang, o regime jurídico foi muito bem implementado, com sistemas para administração, para provas vestibulares, cobrança de impostos, o que gerou grandes influências para as gerações posteriores. Nesse período, foram adotadas uma abertura, com mais intercâmbios econômicos e culturais com o exterior.

---

<sup>29</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 90.

<sup>30</sup> Ibid. p. 94.

Todavia, na fase final, a situação política entrou em um conflito entre facções e rebeldes camponeses até o surgimento da maior rebelião dirigida por Huang Chao. Zhu Wen, um dos líderes rebeldes tomou o poder da dinastia Tang e fundou seu reino Hou Liang, durante o período de cinco dinastias.

## 2.8 DINASTIA SONG

Durante os três séculos de dominação Song (Figura 9) na China, houve, por um lado, uma criatividade extrema por meio da qual a China avançou mais do que o resto do mundo em termos de invenções tecnológicas, produção material, filosofia política, governo e cultura de elite. É nela que há o surgimento da bússola, a tipografia e a pólvora, além do surgimento do primeiro aparelho astronômico.<sup>31</sup> Por outro lado, foi nessa época que invasores oriundos da Ásia Interior começaram a tomar controle administrativo e militar do Estado e do povo chinês.

Zhao Kuangyin fundou a dinastia Song em 960 d.C. Ele era o comandante da guarda do palácio da última das Cinco Dinastias do Norte da China, sendo aclamado como novo imperador por suas tropas. Realizou de forma exemplar o controle dos militares e o estabelecimento de um novo poder civil. “O século e meio durante o qual os Song do Norte ocuparam o poder (960-1126) foi um dos períodos mais criativos da China, de certo modo semelhante à Renascença, que começaria na Europa dois séculos mais tarde”<sup>32</sup>.

Devemos abordar de maneiras diferentes o que se refere ao lugar estratégico ocupado pelos Song na história da China. A primeira abordagem seria sob o plano material – demográfico, urbano e referente à produção, à tecnologia e ao comércio interno e externo. No período Han (por volta de 2 d.C.) a população chinesa atingia cerca de sessenta milhões de habitantes. Após um declínio na era da desunião, ela voltou a chegar entre cinquenta e sessenta milhões no ápice da dinastia Tang, no início dos anos 700.

No início da dinastia Song ela cresceu para cem milhões e permaneceu estável por volta de 120 milhões até o fim do século XII. Houve um desenvolvimento da vida urbana devido ao crescimento da população. Kaifeng, centro político e administrativo dos Song do Norte, mantinha uma grande concentração de funcionários e de pessoal de serviço. Essa cidade possuía apenas quatro quintos da superfície da capital Tang, Chang’an, mas era três vezes maior do que a Roma antiga. Sua população intramuros em 1021 era de cerca de 500

---

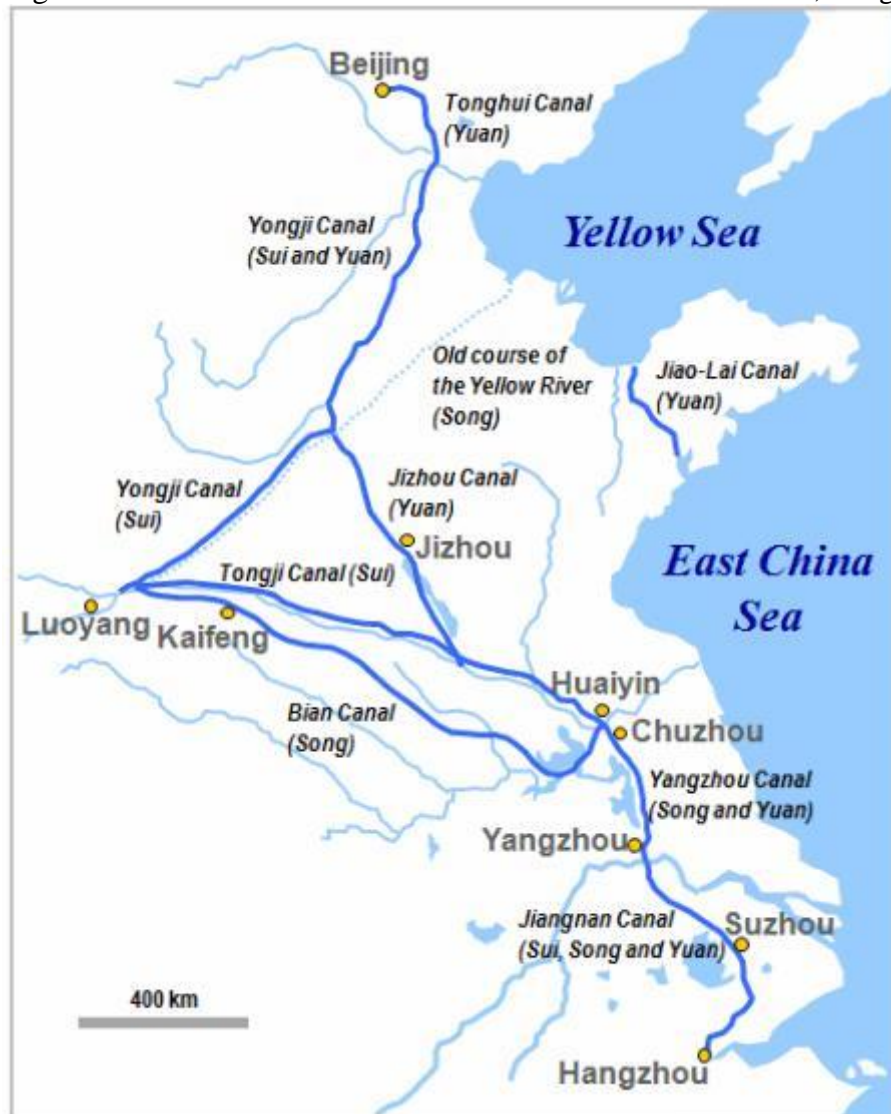
<sup>31</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 95.

<sup>32</sup> Ibid.

mil habitantes. Se incluirmos os nove subúrbios, totalizará cerca de um milhão, e em 1100 os registros totalizaram cerca de 1,4 milhão de pessoas.<sup>33</sup>

Só era possível alimentar essa concentração urbana devido a Kaifeng se localizar próximo a junção do primeiro Grande Canal (Figura 8) com o rio Amarelo, que comandava o transporte fluvial. O comércio interno e inter-regional chinês era facilitado pelos transportes através do Grande Canal, do Yangtzé, seus afluentes e lagos e de outros rios e sistemas de canais. Essas vias aquáticas se estendiam por 48 mil quilômetros, criando a área de comércio mais populosa do mundo.

Figura 8 – O Grande Canal construído durante as Dinastias Sui, Song e Yuan.



Fonte: (BEIJING..., [201-?]).

<sup>33</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 96.

A indústria cresceu em Kaifeng, em primeiro lugar para atender às necessidades do governo. Por exemplo, a produção do ferro fundido permitiu que os trabalhadores do ferro da dinastia Song desenvolvessem uma técnica de eliminação do carbono para a produção de aço. O Norte da China, por volta de 1078, já estava a produzir mais de 114 mil toneladas de ferro-gusa anualmente (700 anos depois, a Inglaterra produziria apenas a metade dessa quantidade).

Essa atividade forneceu cotas de malhas e armas feitas de aço à indústria da guerra. As novas armas conseguiam agora demolir muralhas e portões, explodir minas de pólvora e provocar incêndios no interior de muralhas. Porém, essa tecnologia de guerra foi rapidamente adotada pelos invasores Ruzhen, que estabeleceram sua dinastia Jin no Norte da China, após a captura de Kaifeng, em 1126. Uma nova capital Song foi criada então ao Sul, em Hangzhou.

No início de 1200, em seu auge, a grande capital dos Song do Sul se estendia por mais de 32 quilômetros, ao longo do estuário do rio Quantang, indo desde os subúrbios do Sul até os subúrbios do Norte. Antes da conquista mongol, em 1279, Hangzhou possuía uma população de mais de um milhão de habitantes (outras estimativas chegam a dois milhões e meio), o que a tornava a maior cidade do mundo. O comércio exterior fornecia a maior parte das receitas do governo durante a dinastia Song, sendo os artigos de luxo a base da rápida expansão do comércio na época Song. A tecnologia náutica chinesa era a melhor do mundo nesse período, sendo mais avançado do que a que estava em vigor na Ásia Ocidental e na Europa. Pode-se imaginar como a China dos Song poderia ter dominado o mundo marítimo e alterado o curso da história, porém o que lhes faltava aparentemente eram motivação e incentivo.<sup>34</sup>

O livro impresso foi a chave tecnológica do desenvolvimento da educação sob os Song, que permitiu um grande impulso à educação, tanto nos mosteiros budistas quanto nos seios das famílias. O sistema de exames se tornou uma grande e intrincada instituição, central para a vida das classes superiores. Durante cerca de mil anos, dos Tang até 1905, ele exerceu diferentes papéis relacionados ao pensamento, à sociedade, à administração e à política. Foi construído o sistema de exames pelos dois primeiros imperadores Song, com o objetivo de recrutar pessoal para a sua burocracia, e diminuir candidatos que eram nomeados por familiares que eram funcionários superiores.

Com o passar do tempo, mais pessoas se candidatavam, dessa forma se tornou uma certificação de status social ter uma educação clássica e submeter-se aos exames, quer passasse ou não, ou tivesse como objetivo o cargo de funcionário. “Na dinastia Song, o status

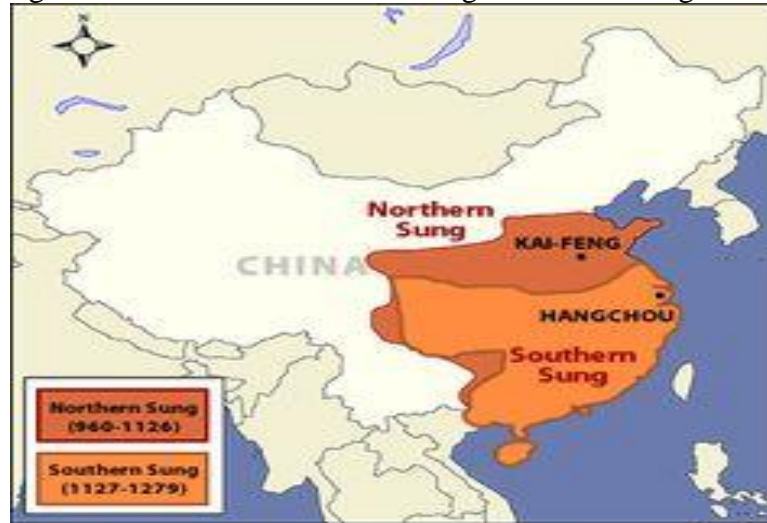
---

<sup>34</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., pp. 99-100.

de uma família de elite começou a depender menos de que um membro da família ocupasse um cargo de funcionário e mais da riqueza, do poder e do prestígio familiar no cenário local”<sup>35</sup>. Um padrão de vida mais elevado e até com certo luxo se tornou possível para um número muito maior de residentes urbanos do que antes. Isso podia ser visto em mansões bem elaboradas, rico mobiliário, jardins traçados de forma bela e o culto da haute cuisine (cozinha de alto nível).

Logo, a elite se estendia de forma a abranger magnatas locais, chefes de família e servidores públicos informais, assim como ex-funcionários. Para isso, eles deveriam dispor de uma educação clássica para que pudessem desenvolver um senso da responsabilidade de forma a manter o mundo material e moralmente em ordem. Eles eram orientados pelo credo do neoconfucionismo, uma filosofia de vida que se originou nos debates dos funcionários-eruditos sob os Song do Norte.

Figura 9: Território da Dinastia Song do Norte e Song do Sul



Fonte: (EXPLORE..., [201-?]).

### 2.8.1 A relação da Dinastia Song com os povos da Ásia-interior

Sob o domínio dos Song, quando se trata de tecnologia, governo, arte, pensamento, organização social, etc., percebe-se que esses aspectos atingiram um alto ponto. Contudo, esse período presenciou também a invasão e a tomada de poder na China pelos povos tribais não chineses da Ásia Interior. Essa conquista não aconteceu de uma vez só, mas começou, na

<sup>35</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 102.



verdade, em 907, antes que a dinastia Song fosse instalada, e continuou durante três séculos e meio, até 1279.

A construção de uma burocracia sobrecarregada com os custos da defesa pode ter sido um dos elementos que debilitaram os Song. Havia ainda, aparentemente, o desprezo dos confucianistas pelos militares, classificando-os ainda mais abaixo do que os comerciantes. E essa questão era mais aprofundada até o ponto de que os militares eram excluídos da lista-padrão confuciana dos quatro grupos ou classes ocupacionais (eruditos, camponeses, artesãos e mercadores).<sup>36</sup>

Visto que foi o poder militar que fundou e manteve as dinastias, construiu e defendeu impérios, sempre foi presente a existência de uma grande instituição militar. Notoriamente, os militares não figuravam como uma quinta classe ocupacional, pois os eruditos confucianos, que faziam as listas, os encaravam os praticantes do *wu* (violência) como inimigos mortais, cuja eliminação era dever moral dos confucianos, em prol do comportamento civilizado. Portanto, colocá-los como um quinto grupo, seria legitimar sua existência e atribuir-lhes estatura moral.

Na China, em toda sua história, sempre existiram forças militares profissionais, e a recusa em encará-las como uma classe militar insinua que os eruditos chineses continuavam no poder do grande mito do Estado confuciano, que teria de ser governado por meio da virtude.<sup>37</sup> De outro modo, percebe-se uma das glórias da velha China, um pacifismo racional, e uma das suas fraquezas mais profundas, a incapacidade de evitar conquistas estrangeiras vindas das planícies.<sup>38</sup>

Aqui, é possível ressaltar que:

O controle civil dos militares fazia parte do controle do Estado da elite governante, mas enfraquecia militarmente o Estado. Os Song mais do que igualavam os Jin (e mais tarde os mongóis) em matéria de tamanho e de recursos militares, mas os funcionários civis Song eram pouco afeitos à violência.<sup>39</sup>

Também o confucionismo se atrelava à questão militar:

Com efeito, os confucionistas eram especialmente dotados para a administração, não para deter o poder imperial definitivo. Afinal, tinham sido treinados para serem servidores civis no sentido literal e podiam prever que o recurso à violência só acarretaria mais violência. Mas enfim, uma vez colocados todos esses argumentos,

---

<sup>36</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 113.

<sup>37</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 114.

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Ibid.

permanece o fato de que os Song do Sul conseguiram manter à distância, durante 45 anos, quase duas gerações, os todo-poderosos mongóis.<sup>40</sup>

Nas épocas de forças, as conexões entre os chineses e o poder tribal fortaleceram a hegemonia destes últimos na Ásia Interior. Logo, os Han, presenciaram a dominação da Ásia Interior pelos Xiongnu, e os Tang, pelos turcos Uighur.

O que prejudicou os Song foi a falta de contato com a Ásia Interior, que dificultou a conquista de cavalos para a guerra. A inabilidade diplomática do Song se devia provavelmente à sua falta de contato direto com esses povos e a sua participação apenas marginal na vida da Ásia Interior, como por exemplo, quando ajudaram os Ruzhen contra os Qidan e foram posteriormente batidos pelos Ruzhen; em seguida, quando ajudaram os mongóis contra os Ruzhen, sendo conquistados mais tarde pelos mongóis.

Do período Song em diante, é possível observar que a sociedade imperial confuciana é governada concomitantemente por um complexo administrativo civil e um complexo de manutenção do poder militar – ambos essenciais para governar o Estado. O complexo civil engloba os detentores de diplomas dos exames e os servidores civis formados dentro do neoconfucionismo, juntamente com a elite local ou a classe aristocrata que os produzia. Já o complexo militar consiste no imperador, sua família e a nobreza, as forças de choque e as tropas de guarnição do exército, mais os eunucos do palácio.<sup>41</sup>

A autocracia imperial era uma contrapartida necessária à administração burocrática, no qual podia ser uma fonte não rotineira e autônoma de inovação ou de intervenção repentina. Conforme a ordem confuciana, o imperador funcionava como o ápice da estrutura, contudo ao mesmo tempo, em sua forma mais elevada, o princípio da desordem violenta. A China, quase desde o começo, partilhou dessas duas funções. A função imperial de manutenção de poder continha a contribuição dos guerreiros tribais da Ásia Interior através de um continuado militarismo nômade pastoral. A outra função era exercida pelos administradores civis chineses confucianos.

Na sua origem, as dinastias eram militaristas, porém com o seu estabelecimento, as burocracias se tornavam civis, e a ideologia de cada uma dessas frações atendia às suas necessidades.

---

<sup>40</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., pp. 114-115.

<sup>41</sup> Ibid. p. 115.

A esse respeito,

Dessa forma, sob o confucianismo imperial, o governo era conduzido por burocratas que serviam sob as ordens de um autocrata, uns dependendo dos outros. Na prática, obtinha-se com frequência um equilíbrio entre *wen* e *wu* quando se permitia que administradores territoriais formados no confucianismo comandassem tropas para destruir rebeldes. Muitos eruditos eram especializados em assuntos militares; muitos deles tornaram-se generais eficazes. No entanto, seu poder dependia inteiramente da vontade do imperador.<sup>42</sup>

Sob os Song, os chineses acrisolaram o sistema clássico de exames como uma ferramenta para a formação de burocratas obedientes, os invasores contemporâneos não chineses da China – os Qidan (dinastia Liao), os Ruzhen (dinastia Jin) e os mongóis (dinastia Yuan) – evidenciaram a utilidade do militarismo como fonte do poder imperial. Logo, o confucionismo imperial só continuaria a funcionar enquanto a dinastia governante mobilizasse violência suficiente para destruir os rebeldes, e esse poder era uma especialidade dos membros das tribos não chinesas da Ásia Interior. Desse modo, há uma diferenciação na especialização de funções entre os administradores chineses e os detentores de poder da Ásia Interior, pois os não chineses da Ásia Interior tinham uma participação maior no governo imperial a ponto de conseguir derrubá-lo algumas vezes.

### **2.8.2 A influência do governo não-chinês sobre a China**

Ser governado por uma sociedade pertencente à outra cultura gerou um grande problema para a teoria política chinesa, pois desde a época de Shang, a cultura (que incluía o sistema de escrita chinês, os rituais, entre outros) era parte fundamental da sociedade. A política exterior dos Han e dos Tang se tornou baseada no sistema de tributos, com a ausência de contato com qualquer outro Estado de nível cultural, o que criou uma relação externa recíproca entre superior e inferior que mantiveram a ordem na sociedade interna chinesa.

Com a demissão do poder central Tang, os dez ou mais estados da China se encontraram em uma situação parecida com a da era dos Reinos Combatentes, organizados em uma sociedade de estados múltiplos. Assim, os governantes passaram a tomar algumas práticas dessa época, como negociar por meio de emissários. Contudo, os governantes não chineses participavam dessa competição agora, e com isso aquela velha ligação entre sociedade e cultura se rompeu. Foi derrubada dessa forma a ordem mundial chinesa

---

<sup>42</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 116.

implantada pelos Han e revivida pelos Tang, no que tange ao sistema de pensamento e de instituições.<sup>43</sup>

O governo estrangeiro começou com a ascensão dos Qidan (povo mongol) que mantiveram um império por mais de dois séculos sobre partes do Norte da China, da Manchúria e da Mongólia. De origem seminômade, os Qidan ascenderam ao poder ao percorrem a fronteira entre a estepe e as regiões agrícolas, onde combinaram a força militar da cavalaria nômade com o apoio econômico do cultivo camponês. O império Liao, como se autodenominava, era um estado dual: a sua seção sul englobava 16 prefeituras do Norte da China que eram governadas no estilo chinês, a partir das instituições de burocracias civil herdadas dos Tang. Ao Norte, eram controladas por homens a cavalos que eram mobilizados e treinados para fazerem parte da guarda de elite do imperador Qidan.<sup>44</sup>

Apesar de esse estado dual ter uma população bem menor que a do império Song no Sul, a cavalaria Liao tinha tal poder de choque que os Song terminaram por pagar a eles subsídios anuais para manter a paz nas fronteiras. Em 1125, o estado Liao foi tomado pelos Tunguzic Ruzhen, tribos do norte da Manchúria, que adotaram o nome dinástico de Jin. O império sino-nômade dos Jin tinha a capacidade de montar ataques militares a ponto de forçar os Song a recuarem para o Sul. A capital dos Song, Kaifeng, se localizava no rio amarelo na parte superior do Grande Canal, mas em 1126, foram forçados a abandonar o Norte da China devido aos ataques dos Jin.

Em 1142, devido as constantes pressões, os Song cederam por tratado o Norte da China até o rio Huai e concordaram em ser vassalos dos Jin, pagando-lhes um tributo anual. O coração da vida chinesa estava ali na planície do Norte da China, combinada com a região do baixo Yangtze, contudo uma parcela considerável do povo chinês viveria sob o domínio de não chineses pela primeira vez (Figura 10). Uma vez conquistado o Norte da China, os Ruzhen da dinastia Jin (1115-1234) totalizaram cerca de seis milhões de habitantes, em uma população de 45 milhões do Norte da China. Os Qidan que sobraram da dinastia Liao de 916-1125 podem ter chegado a cerca de quatro milhões, dessa forma os Ruzhen deveriam governar cerca de 356 milhões de súditos chineses. Para realizar essa tarefa, confiaram em Qidan achinesados e em Han chineses que serviram os Qidan.

---

<sup>43</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 116.

<sup>44</sup> Ibid. p. 118.

Figura 10 – Os impérios dos Song do Sul e dos Jin (Ruzhen)



Fonte: (FILE...,2017).

Todavia, os imperadores Ruzhen chegaram à conclusão de que tinham de manter seu poder central em competição com seus próprios líderes tribais Ruzhen, militares aristocratas do Norte que esperavam controlar as terras e os povos que haviam conquistado.

Por esse motivo,

Em autodefesa, o imperador Jin construiu uma burocracia imperial inspirada nos modelos confucianos de governo. Pensando que necessitavam recrutar candidatos formados por meio de exames para equipar sua burocracia, no último quarto do século XII, os governantes Jin em Kaifeng criaram escolas de língua Ruzhen, traduziram os clássicos confucianos para o Ruzhen e criaram exames para candidatos Ruzhen. No entanto, o maior fluxo de recrutas veio dos Han chineses: no quarto de século após 1185, os exames chineses ampliados produziram ao menos cinco mil detentores de diplomas metropolitanos (jinshi).<sup>45</sup>

Os Ruzhen estavam desenvolvendo seu papel como mantenedores da paz, no qual a “culturalização” chinesa original poderia ser promovida por governantes não chineses. Logo, desenvolveram os fundamentos teóricos de um império multiétnico, que se elevaria ao seu

<sup>45</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 120.

ponto culminante sob os manchus, seus descendentes futuros. Alguns níveis extremos de brutalidade foram atingidos por alguns imperadores, que instauraram a prática regular de bater nos altos funcionários diante da corte, em frente do imperador. Alguns foram até executados como forma de eliminar qualquer oposição.

Um dos últimos imperadores Jin ficou conhecido por seu modelo de administração confuciano:

Em sua era, houve um renascimento cultural conduzido pelos súditos chineses confucianos do Estado Jin, moralmente engajados a apoiar a herança cultural da ordem civil. Entre si, os governantes Ruzhen que tinham a cabeça formada à maneira confuciana e seus funcionários eruditos chineses mostraram que uma dinastia não-chinesa poderia, sem dúvida, manter uma tradição cultural “chinesa” (quer dizer, chinesa e da Ásia Interior). De qualquer forma, a legitimidade da dinastia Jin estava formalmente estabelecida quando sua história oficial foi escrita, sob a dinastia mongol Yuan.<sup>46</sup>

A legitimação do governo não chinês na China se deu pelo fato de que ele não poderia ser evitado e, dessa forma, teria de ser racionalizado. Num momento posterior, sob os manchus, os eruditos chineses poderiam até odiar o governo dos Qing, mas nunca deixariam registro disso. O ódio mesclado com a aceitação externa é semelhante ao que sentem as vítimas do despotismo em todos os tempos. Esse fato poderia conduzir a uma indiferença para com a política, como se não fosse seu problema.

As dinastias de conquista – Liao, Jin e Yuan – fizeram uma série de incursões de poder militar da Ásia Interior na China e devem ser vistas como um processo único, mesmo que esporádico. Liao durou mais tempo, porém ocupou uma parcela pequena de território na fronteira do Norte da China. Yuan, que ocupou a China inteira, foi a mais breve. Logo, a dinastia Jin pode ser colocada em uma posição estratégica de ter aprendido como invasores estrangeiros seriam capazes de governar o coração do país, a planície do Norte da China, agregando o pessoal chinês herdado dos derrotados Song do Norte.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 122.

<sup>47</sup> Ibid.

## 2.9 DINASTIA YUAN

Fundado o estado em 1206 pelo Gengis Khan<sup>48</sup>, o Kublai Khan (neto de Gengis Khan) fundou a dinastia Yuan (Figura 11) em 1271 e derrubou a dinastia Song em 1279 tendo estabelecido sua capital em Pequim.

A China durante as dinastias Tang, Song e Yuan foi o país o mais próspero no mundo, cujas culturas e economias eram muito atrativas no mundo. A conquista mongol foi um precursor do imperialismo ocidental na China, em que a sociedade chinesa foi sujeitada ao choque cultural de influências estrangeiras distintas mais uma vez. Portanto, a dinastia Yuan (1279-1368) pode ser considerada como uma base de importantes fenômenos ocorridos sob as dinastias Ming e Qing posteriormente.

Os mongóis extinguiram os Jin em 1234 e, por fim, conquistaram o Song do Sul apenas 45 anos mais tarde, em 1279. Nesse meio período, governou o coração do Norte da China, que já havia sofrido um século de dominação estrangeira. Kublai Khan governou sua dinastia em estilo chinês, no entanto, foi perturbado pela política imperial e por seus rivais no poder.

Apesar de o sentimento antimongol instigar os chineses, as condições de vida na era Yuan eram peculiares. Comerciantes e eruditos de outros países vieram frequentemente à China. Dessa forma houve maior contato com o exterior e também, diplomatas ocidentais e asiáticos vieram à China com grande frequência, tendo estabelecido laços estreitos com Japão e outros países do Sudeste Asiático.<sup>49</sup>

Ao governar a China, o maior problema que o governo mongol encontrou foi em relação à cultura, uma vez que eram nômades da Mongólia Exterior e tinha pouco contato com a China isso criou uma brecha cultural entre eles e os chineses Song do Sul. De forma geral, a brecha cultural contribuiu para um governo mais leve. As punições eram aparentemente mais leves do que as da era Song. As três dinastias – Liao, Jin e Yuan – possuíam uma administração bem flexível, devido à mescla impossível entre os costumes chineses e tribais, e dessa forma usavam seu próprio roteiro. Para os chineses, as leis eram uniformes e atribuídas para todos, enquanto os nômades aplicavam a cada pessoa sua lei tribal

---

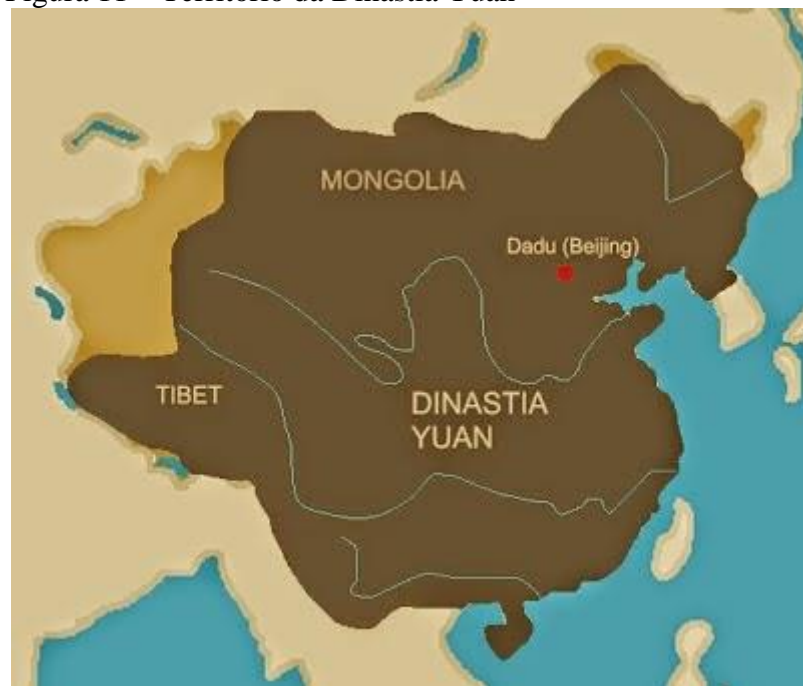
<sup>48</sup> Gengis Khan foi um imperador mongol, no qual unificou o povo mongol que estava dividido em dezenas de tribos e clãs, e constituiu um império que ocupava metade das terras até então conhecidas.

<sup>49</sup> Informações disponíveis em: <<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174877.htm>>. Acesso em 5 set. 2017.

costumeira. Essa diversidade auxiliou em uma menor centralização e não para um despotismo monolítico.<sup>50</sup>

O domínio por mongóis provocou fortes resistências por suas explorações e repressões, ao passo que em 1351 ocorresse uma grande rebelião dos trabalhadores com sinais de lenços vermelhos. Em 1341, Zhu Yuanzhang (líder das tropas de lenços vermelhos) com a palavra de ordem “Expulsar mongóis e recuperar a nação chinesa”, atacou Beijing e derrubou a dinastia Yuan e fundou a dinastia Ming.<sup>51</sup>

Figura 11 – Território da Dinastia Yuan



Fonte: (ARQUEOLOGOS...,2015).

## 2.10 DINASTIA MING

Durante o período da dinastia Ming (1368 – 1644), a população chinesa praticamente duplicou, indo de 80 milhões de habitantes para cerca de 160 milhões. As guerras domésticas foram vastamente evitadas, e grandes realizações no campo da educação, filosofia, literatura e arte refletiram o alto nível cultural da sociedade aristocrata de elite.

Primeiramente, o regime Ming (Figura 12) teve que se militarizar para expulsar e manter os mongóis afastados e, posteriormente, tentar manter a estabilidade doméstica e evitar a influência externa à China. Na dinastia Ming, agricultura era mais desenvolvida, como a

<sup>50</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 126.

<sup>51</sup> Informações disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174877.htm>>. Acesso em 5 set. 2017.



indústria têxtil, de porcelana, exploração de minérios, fundição de cobre, fabricação de papel e a indústria naval também tiveram um grande avanço. Durante esse período, Zheng He (eunuco de fé mulçumana, ao serviço do imperador) expediu por 7 vezes ao ocidente, e percorreu por mais de 30 países e regiões, o que refletiu em um comércio maior com o exterior. Todavia, no último período da dinastia Ming, a China sofreu com invasões do Japão, Espanha, Portugal e Holanda.<sup>52</sup>

A dinastia Ming teve seu caráter formado a parti da mentalidade de seu fundador, Zhu Yuanzhang (1368-1398) que reinou como o imperador Hongwu (“extenso poder militar”). Ele foi um camponês que passou fome e mendigou, tendo sido educado por monges budistas e se afiliou a uma seita religiosa antimongol. Como um chefe de guerra rebelde, ultrapassou seus competidos no quesito violência na região do baixo Yangtzé, e contou com a ajuda de eruditos confucianos para redigir as declarações e cumprir os rituais necessários para reclamar o mandato, expulsou os príncipes mongóis separatistas em 1368 e construiu uma capital em Nanjing.

Parece ter sido um desastre para a China a personalidade desse novo autocrata. Teve o apelido de “Cara de Suíno” devida a sua semelhança com o animal. Além disso, era energético de forma agressiva, tinha violentas crises temperamentais e suspeitava de modo paranoico de conspirações contra ele. Seu objetivo era manter um controle centralizado sobre todo o território. Para esse fim, emitiu um fluxo de reprimendas e de regulamentos, destinados a orientar a conduta de seus súditos.

A sua principal preocupação era o âmbito militar, e ao contrário dos príncipes mongóis que formaram uma nobreza dispersa com grandes propriedades, Hongwu transformou seus comandantes em uma nobreza chinesa militar, com hierarquia e recompensas superiores aos dos mais altos funcionários civis. Hongwu se colocou ao lado da violência, apesar de todas suas leis e sermões morais. Mandou decapitar seu primeiro-ministro junto com todos os membros de sua família e parentes afastados ao descobrir sua conspiração contra ele. Em 1519, 146 homens foram espancados por recomendarem que o imperador não permanecesse no Sul, afastado de seus deveres.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Informações Disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174879.htm>>. Acesso em 11 set. 2017.

<sup>53</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 132-134.

Aqui, é importante salientar que,

Os erros de julgamento de Hongwu poder ser, de modo genérico, atribuídos à sua intensa determinação em afirmar e manter seu controle pessoal. Desse modo, sua obsessão em manter o poder central (um imperativo herdado da história) o levou a abolir, em 1380, a secretaria geral e o cargo de primeiro-ministro, levando-o a ser o único funcionário executivo central (CEO), civil e militar, do reino. Isso lhe conferiu um maior controle, mas igualmente uma carga extraordinária de tarefas.<sup>54</sup>

Os impostos, cerca de 10%, dos produtos agrícolas sobre a terra, acabavam por ser uma taxa pouco onerosa para os agricultores. Com isso, condenou o governo (por meio dessa aparente política benevolente de impostos) de ser ver privado de receita, o que o impediu de desempenhar funções que poderiam ajudar na melhora da vida econômica do povo. A fragmentação de receitas e de gastos tornou o governo central impotente. Por exemplo, não havia uma previsão de orçamento destinado à manutenção do Grande Canal.

Os registros dos Ming elogiavam a autossuficiência dos militares nas atividades agrícolas, porém era uma maneira dos historiadores Ming de darem uma boa imagem da dinastia. As unidades familiares postas a serviços dos militares não cumpriam sua função com frequência, e não havia um pagamento regular para os soldados, apenas recompensas ocasionais e não planejadas. Outro fator era o fracasso do sistema monetário, que era incapaz de acompanhar o crescimento do comércio. O papel-moeda foi emitido de forma irrestrita, o que resultou em sua desvalorização e posteriormente fez com caísse no desuso. O governo Ming fracassou também em fornecer moedas de cobre para o povo, exatamente na época em que o crescimento demandava mais dinheiro.

Desse modo,

A instituição fiscal parecia ter-se orientado segundo o forte sentido de frugalidade de seu fundador, por sua convicção de que o lucro conduzia ao mal. Pensava-se que os interesses mercantis estariam inerentemente em conflito com os da sociedade e do Estado e tinham de ser controlados com rigidez. Ao mesmo tempo, o Estado tinha de evitar “enriquecer” porque, segundo essa visão ingênua, qualquer ganho do governo significava uma perda para o povo. Sem conseguir desenvolver seu poder econômico potencial, o governo recorria ao controle político como base governamental. Ele assim negligenciava, de maneira persistente, a construção da força financeira mínima necessária para operar sua máquina fiscal e sequer se ocupava dos necessários investimentos em equipamentos de transportes público. Nessa situação mesquinha, era inevitável que se recorresse à requisição extensiva dos serviços da população em geral.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 134

<sup>55</sup> Ibid. p. 139.

No último período da dinastia Ming, as terras foram concentradas pela corte e seus soberanos e os impostos cobrados aumentavam. Isso gerou muitas contradições e grande descontentamento do povo, o que fez com que funcionários propusessem reformas e restrições a corrupções. Todavia, foram reprimidos, o que gerou uma instabilidade social. As lutas rurais se tornaram mais disputadas e em 1627, foram registradas rebeliões contra a cobrança de impostos quando ocorreram calamidades naturais na província de Shaanxi. Diversas rebeliões foram em direção a capital e derrubaram a Ming em 1644, ocasião que houve o suicídio do imperador Chongzhen em Beijing.<sup>56</sup>

A conquista manchu de 1644 demonstrou mais uma vez a fragilidade externa da China, uma vez que a combinação de militarismo e de administração civil pode ser unificada mais prontamente fora da Muralha do que dentro dela. Os manchus extraíram uma vantagem de sua posição estratégica em sua ascensão ao poder, no qual aprendiam a cultura chinesa sem se submeter inteiramente à autoridade chinesa. O fundador do estado, Nurhachi (1559-1626) submeteu as tribos vizinhas ao seu governo pessoal, e no início do século XVII, impôs sua dinastia Jin posterior, cuja capital era Mukden. Em 1639, Hong Taiji – seu filho e sucessor – mudou o título do estado para Qing (“Pura”).<sup>57</sup>

Em 1644, tropas camponesas lideradas por Li Zicheng derrubou a dinastia Ming e estabeleceu sua capital em Beijing. A dinastia Qing reprimiu rebeliões camponesas e resistências dos seguidores da dinastia Ming no sul da China, e aos poucos foi unificando todo o país.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Informações disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174879.htm>>. Acesso em 15 set. 2017.

<sup>57</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 144.

<sup>58</sup> Informações disponíveis em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174880.htm>>. Acesso em 15 set. 2017.

Figura 12 – Território da Dinastia Ming



Fonte: (MING..., [2017?]).

## 2.11 DINASTIA QING

No período próximo ao fim do século XVIII, a China se encontrava no auge da sua grandeza imperial. Os manchus transformaram a China em uma grande potência militar quando estabeleceram a dinastia Qing (Figura 13) em 1644. A destreza militar manchu e mongol combinada com as realizações culturais e destreza em governar dos chineses Han, fez com que o país embarcasse em um programa de expansão territorial a norte e a leste, no qual estabeleceu uma esfera de influência chinesa na Mongólia, no Tibete e na atual região de Xinjiang. A China estava em uma posição predominante na Ásia, em que podia no mínimo rivalizar com qualquer império da Terra.<sup>59</sup>

Os governantes Qing, para manter o poder, enfrentaram duas tarefas – em primeiro lugar, conservar a ordem social e política do confucionismo imperial; em segundo, a preservação do poder como governantes não chineses. O propósito principal, no contexto de sua primeira tarefa era integrar sua autoridade à cultura chinesa, estabelecendo uma dependência mútua. O poder dinástico estabelecido pelas guerras era sancionado pela indispensabilidade inquestionável de união sob um só governante, no qual essa unidade por sua vez, era sancionada pela primordialidade de ordem. E para sustentar a legitimidade

<sup>59</sup> KISSINGER, Henry. **Sobre a China**; tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 33.

manchu – a de preservar seu poder como uma dinastia estrangeira – era importante a integração da sociedade e da cultura.<sup>60</sup>

Num período de mais de cem anos – parte do século XVII e todo o século XVIII - a dinastia atingiu seu ápice, tendo-se acentuado, nos seus longos reinados, os imperadores Kangxi (1662-1722) e Qianglong (1736-1796). Só após 1820, o contato com o Ocidente começou a escapar do controle. Durante essa época já havia começado o fim da dinastia Qing.

Como destaca Kissinger, o ponto alto da dinastia Qing também veio a ser o ponto crítico de seu destino:

[...]Pois a riqueza e a extensão da china atraíram a atenção dos impérios ocidentais e das companhias comerciais operando completamente fora dos limites e instrumentos conceituais da tradicional ordem mundial chinesa. Pela primeira vez na história, a China se defrontou com “bárbaros” que não almejavam tirar o lugar da dinastia chinesa e reivindicar o Mandato Celestial para si mesmos; em vez disso, propunham substituir o sistema sinocêntrico por uma visão inteiramente nova da ordem mundial – com o livre comércio, não o tributo, embaixadores residentes na capital chinesa e um sistema de intercâmbio diplomático que não aludisse aos chefes de Estado não chineses como “honoráveis bárbaros” prestando vassalagem ao seu imperador em Pequim.<sup>61</sup>

A quantidade de comerciantes europeus na costa sudeste da China estava a aumentar cada vez mais. Para os representantes estrangeiros, os pontos de entrada na China e as rotas para a capital eram estritamente restritos, sendo limitados a um comércio sazonal regulamentado em Guangzhou (conhecida à época como Cantão). Não era permitido à eles se aventurarem pelo interior da China. Esses regulamentos os mantinham a distância. “As noções de livre comércio, embaixadas residentes e igualdade soberana – a essa altura, os direitos mínimos conquistados pelos europeus em quase qualquer outro canto do mundo – eram desconhecidas da China”<sup>62</sup>. Os europeus aceitaram inicialmente o papel de suplicantes na ordem tributária chinesa, no qual eram rotulados como “bárbaros”, e seu comércio, como “tributo”. Todavia, conforme as potências ocidentais cresciam em riqueza e convicção, esse estado de coisas ficava insustentável.

Três anos antes da voluntária abdicação do imperador Qianglong, ocorrida em 1796, houve um acontecimento que, se não considerar como o declínio da dinastia Qing e da sociedade chinesa, é pelo menos, um indício do que viria a ocorrer. Esse acontecimento foi a tentativa de penetração ocidental efetuada em 1793 pela missão inglesa Macartney, enviada pelo rei Jorge III. “Foi o mais notável, bem concebido e menos “militarista” esforço europeu

---

<sup>60</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., pp. 154 e 157.

<sup>61</sup> KISSINGER. Op. Cit. p. 33.

<sup>62</sup> Ibid. p. 34.

de alterar o formato prevalecente das relações sino-ocidentais e de conquistar o livre comércio e a representação diplomática em iguais termos”<sup>63</sup>.

Os principais objetivos da missão eram estabelecer embaixadas recíprocas em Pequim e Londres e acesso comercial a outros portos ao longo da costa chinesa. A missão não cumpriu nenhum de seus objetivos; as diferenças de percepção eram grandes demais. Macartney pretendia demonstrar os benefícios da industrialização, porém o imperador apenas entendeu seus presentes - peças de artilharia, uma carruagem, relógios de pulso cravejados de diamantes, porcelana inglesa e até mesmo um balão de ar vazio - como um tributo.

Aparentemente fracassada foi também a missão Amherst, enviada igualmente pela Inglaterra em 1816, visto que nada concreto dela resultou, uma vez que os mercadores estrangeiros continuaram restritos em uma pequena área próxima ao porto de Cantão e em Macau. Impossibilitados de penetrarem pacificamente no território chinês, os ingleses buscaram outros meios, e o meio empregado foi a força e o pretexto foi o ópio. Não o pretexto, humanitário do banimento da droga, mas o contrário, o que conferiu à violência exercida de um caráter de iniquidade.<sup>64</sup>

O ópio já era de conhecimento dos chineses há séculos, no qual importavam da Índia para aplicações medicinais. Adquirido o hábito de fumar misturado com o tabaco, o seu consumo aumentou, o que fez com que levassem os Europeus participarem mais ativamente do seu lucrativo comércio. Como os chineses passaram a fumá-lo puro, o imperador, em 1729, proibiu a plantação da papoula do ópio e restringiu o comércio do produto. Estas medidas foram insuficientes para combater o hábito, e então em 1800 foi proibida a importação da droga.

A Índia britânica era a maior parte do centro de cultivo da papoula no mundo, e os ingleses e americanos, trabalhavam em aliança com contrabandistas chineses, e assim conduziam um comércio agitado. Foi debatido pela corte Qing a legalização do ópio, contudo foi decidido no fim dismantelar e erradicar sua comercialização por completo. Em 1839, Lin Zexu, um oficial de comprovada e considerável habilidade do imperador, foi enviado a Cantão para fiscalizar e acabar com o tráfico e forçar os mercadores ocidentais a respeitar a proibição oficial. Ele mandou queimar uma volumosa carga apreendida num navio inglês,

---

<sup>63</sup> KISSINGER, Henry. Op. Cit., p. 35.

<sup>64</sup> MATIAS, A. Santos. **China – De Confúcio a Mao-Tsé-Tung**. – Lisboa: Europa-América, 1967, p. 76.

além de prender todos os estrangeiros – incluindo os que não tinham nada a ver com o comércio de ópio – em suas fábricas, até que entregassem todo o contrabando.<sup>65</sup>

O governo de Londres, diante dessa postura, declarou guerra à China. Os navios britânicos romperam sem problemas as defesas costeiras chinesas e bloquearam os principais portos do país. Qishan, um funcionário chinês, foi enviado para estabelecer contato preliminar com uma frota inglesa, e acabou por reconhecer que os chineses eram incapazes de fazer frente ao poder de fogo naval dos britânicos. Com o bloqueio de mais portos e interrompendo o tráfico ao longo do Grande Canal e do baixo Yangtzé, os ingleses estavam prontos para atacar a antiga capital, Nanquim, e dessa forma os chineses pediram para negociar a paz.

O resultado disso foram dois tratados, o Tratado de Nanquim e o complementar Tratado de Bogue. Esse tratado estabelecia o pagamento de uma pesada indenização pela China, a cessão de Hong Kong, a abertura e liberdade de comércio nos chamados “cinco portos” (Cantão, Ningbo, Xangai, Xiamen e Fuzhou) o que desmantelou o “Sistema de Cantão” o que os chineses regulavam o comércio com o Ocidente, além do estabelecimento de missões consulares e diplomáticas.

Cada concessão chinesa pedia a gerar exigências adicionais do Ocidente. Os Estados Unidos e França conseguiram em 1844 tratados do mesmo teor e substância. “Esses tratados são infames, com razão, na história chinesa como os primeiros de uma série de “tratados desiguais” firmados à sombra da força militar estrangeira”<sup>66</sup>. Em 1856, ocorreu a segunda guerra do ópio – chamada dessa maneira por ter como causa próxima a confiscação de uma carga do produto transportada num navio chinês com a bandeira inglesa.

Todavia, as causas reais eram a cobiça ocidental e a resistência chinesa em cumprir os “tratados desiguais” e, sobretudo, na necessidade premente de expansão comercial que a revolução industrial provocou na Europa. Dessa forma resultou na assinatura do tratado de paz em Tianjin em 1858, no qual as principais disposições eram: os ministros enviados das potências residirem em Beijing e terem contato direto com a corte imperial, abertura de mais dez portos, os estrangeiros eram autorizados a viajar no interior do país, liberdade da atividade missionária e a revisão de tarifas.

Mesmo então, a dinastia não reconheceu essa nova ordem até que a expedição anglo-francesa ocupasse Beijing em 1860. “A transição de relações de tributo para relações de

---

<sup>65</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 42.

<sup>66</sup> Ibid. p. 47.

tratado criou uma geração de desacordos em Guangzhou antes de 1840 e, depois, vinte anos de comércio, negociação e coerção”<sup>67</sup>.

Os anos de 1842 a 1943 – conhecido como o “século do tratado” – podem ser vistos como o período caracterizado unicamente por: abertura crescente da China ao contato estrangeiro, invasões militares estrangeiras, comércio ocidental e invasões religiosas e a volta dos chineses, primeiro com os nacionalistas e depois com os comunistas. Sob a perspectiva estrangeira, pode se dividir em três fases o século do tratado: a primeira, que durou até a década de 1870, foi dominada pelo “imperialismo do livre comércio” britânico. A segunda fase, por volta de 1870 até 1905, assistiu à rivalidade imperialista na China em relação ao poderio industrial durante a qual Rússia, a Alemanha, a França, a Grã-Bretanha e o Japão invadiram todos os territórios Qing. E a terceira fase que é uma parte mais construtiva do século do tratado, que se prolongou dos anos 1900 até as décadas de 1930 e 1940.<sup>68</sup>

No fim do século XIX, o governo Qing e a elite rural estavam perdendo o controle da situação e a ordem mundial chinesa se encontrava totalmente desarticulada. Além disso, a corte em Pequim não funcionava mais como um fator significativo na proteção da cultura ou da autonomia chinesa. Toda a frustração popular veio à tona em 1898, no que foi conhecida como a Revolta dos Boxers, no qual era a combinação de duas tradições dos camponeses – as artes marciais e a prática de um misticismo antigo e alegavam imunidade mágica às balas estrangeiras.

O objetivo era o simples slogan “Apoio à dinastia Qing, destruição do estrangeiro”. O movimento se espalhou no Norte da China numa violenta campanha contra os estrangeiros e os símbolos da nova ordem por eles imposta. Diplomatas, missionários, jornalistas, estradas de ferro, linhas telegráficas e escolas ocidentais passaram todos a enfrentar ataques.

Assim,

[...] O epicentro do conflito foram mais uma vez as longamente contestadas embaixadas estrangeiras em Pequim – que os Boxers sitiaram na primavera de 1900. Após um século vacilando entre desdém arrogante, atitude desafiadora e conciliação ressentida, a China agora abraçava um estado de guerra contra todas as potências estrangeiras simultaneamente.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 192.

<sup>68</sup> Ibid. p. 195-196.

<sup>69</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 68.



O resultado foi mais um duro golpe feito pelas forças aliadas – consistindo de França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Japão, Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria e Itália. As forças chegaram a Pequim em agosto de 1900, e após suprimir os Boxer e as tropas Qing aliadas, impuseram mais um “tratado desigual”. O protocolo boxer, assinado em setembro de 1901, previa uma indenização em dinheiro de cerca de 333 milhões de dólares, a serem pagos em 40 anos, com juros que mais que dobravam essa quantia, além de conceder maiores direitos de ocupação às potências estrangeiras. “Afirmar, justificadamente, que a trajetória decadente dos Qing foi detida pela restauração dos anos 1860 é, sem dúvida, uma constatação de que os dias da dinastia estavam contados”<sup>70</sup>.

Houve uma separação entre os interesses da dinastia manchú e os do povo chinês, vistos, de forma gradativa, como duas coisas separadas. Além de que havia o questionamento quanto a capacidade chinesa de ir ao encontro da invasão estrangeira não apenas em assuntos militares e econômicos, como também no plano intelectual. Não unicamente o desempenho do Estado chinês foi inadequado, como os princípios básicos da ordem neoconfuciana também foram questionados. Essa crise foi maior do que a ocorrida ao final da dinastia Ming ou de qualquer dinastia anterior, exceto talvez a Song.

Todavia, enquanto os Song, mesmo derrotados, mostraram sua superioridade cultural, os chineses que tomaram conhecimento dos assuntos ocidentais não se sentiram confiantes de que a superioridade cultural chinesa ainda continuaria. Por fim, um sentimento de condenação e desastre desmoralizou a elite letrada, a guardiã central da fé neoconfuciana. “Uma dinastia incapaz de prevenir repetidas marchas estrangeiras sobre a capital chinesa ou de evitar a usurpação estrangeira de fatias do território chinês havia claramente perdido o Mandato Celestial”<sup>71</sup>.

Após conseguir prolongar sua existência por sete surpreendentes décadas, desde o choque inicial com o Ocidente, a dinastia Qing ruiu em 1912, apenas pelo fato de não existir qualquer regime à vista para substituí-la, além de que os chineses e os estrangeiros preferiam a ordem ao rompimento.

---

<sup>70</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 221.

<sup>71</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 68.

Figura 13 – Território da Dinastia Qing.



Fonte: (A Ascensão...,2016).

## 2.12 A REVOLUÇÃO REPUBLICANA

No início do século XX, há uma complexidade moderna diante da desordem dos eventos na China e o amplo indício de grupos de interesse e atores. A autoridade central chinesa se encontrava mais uma vez em estado de fragmentação e o país adentrou em um novo período de “Estados Combatentes”. Trata-se de uma década de reformas a partir de 1901, que precipitou a revolução de 1911 e que foi seguida pela instituição da República Chinesa e pela tentativa do primeiro presidente, Yuan Shikai, governar como novo imperador.

Assim,

Essa sequência de três fases – reformas que incitaram acontecimentos, uma rebelião que levou a distúrbios políticos e o esforço de restabelecer o controle central pelo despotismo – assemelha-se a outras grandes revoluções que levaram ao aparecimento de um Cromwell, um Bonaparte ou um Stalin.<sup>72</sup>

Quando a monarquia constitucional japonesa derrotou a autocracia da Rússia tsarista em 1905, o constitucionalismo parecia ter provado sua eficácia como o fundamento para a unidade entre governadores e governados num esforço nacional. A própria Rússia se movia,

<sup>72</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit. p. 229.

em 1905, para o governo parlamentarista. O constitucionalismo na China poderia dar aos interesses provinciais emergentes uma parcela significativa no governo.

Na luta pelo poder na capital, os postos-chaves foram mantidos pelos seguidores da imperatriz regente. Essa conotação pró-manchu e, portanto, antichinesa prejudicou os esforços de Beijing em criar um relacionamento novo e mais centralizado com as províncias. Isso não afetou apenas o sentimento contra os Qing dos estudantes revolucionários em Tóquio, como também alimentou um espírito nacionalista na China.

Toda a questão que envolvia o poder central manchu no domínio das províncias na nova era do crescimento industrial e do nacionalismo chinês atingiu seu ápice em 1911, devido à construção da ferrovia em Sichuan. A elite local não queria de jeito nenhum que os funcionários do governo central lucrassem com esse empreendimento que era financiado por empréstimos estrangeiros. Os esforços militares dos Qing para impedir a construção tiveram efeito oposto. Uma rebelião em Wuchang em 10 de outubro de 1911 estimulou a deserção da maioria das províncias, que declararam sua independência do regime Qing. Os membros da Liga Revolucionária instituíram a República Chinesa em 1 de janeiro de 1912 em Nanjing, tendo como presidente provisório Sun Yatsen.<sup>73</sup>“Como que obedecendo a alguma lei misteriosa que exigisse a unidade imperial, Sun, depois de apenas seis semanas no governo, entregou o poder a Yuan Shikai, comandante da única força militar capaz de unificar o país.”<sup>74</sup>.

Após o fracasso de Yuan de se tornar imperador em 1916, o poder político voltou para as mãos dos governantes regionais e comandantes militares. Levou em torno de 30 anos, desde cerca de 1920 até por volta de 1950 para que houvesse a reunificação da China que estava dividida entre senhores de guerra. Houve tanto a cooperação como a competição do Partido Comunista chinês e o Partido Nacionalista (Kuomintang) para vencer os senhores da guerra e afastar o imperialismo. Tornaram-se adversários mortais, apesar de sua cooperação nominal em 1937 em uma frente unida contra o Japão.

Encontrada em uma situação em que estava sem uma autoridade central universalmente aceita, a China precisava do instrumento para a condução de sua diplomacia tradicional. O Partido Nacionalista, liderado por Chiang Kaishek, ao fim da década de 1920, exercia controle, na teoria, sobre a totalidade do antigo império Qing. Todavia, na prática, os privilégios territoriais tradicionais chineses eram cada vez mais desafiados.

---

<sup>73</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 236.

<sup>74</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 68.

Dessa forma:

Dos antigos concorrentes à dominação na China, apenas um restara, embora o mais perigoso para a independência chinesa: o Japão. A China não tinha força suficiente para se defender. E nenhum outro país estava à disposição para contrabalançar militarmente o Japão. Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, o Japão ocupou as antigas concessões alemãs em Shandong. Em 1932, Tóquio engendrou a criação de um Estado separatista sob domínio japonês na Manchúria, chamado Manchukuo. Em 1937, o país embarcou em um programa de conquista por grande parte do leste da China.<sup>75</sup>

Ao passo que o governo nacionalista lutava para aumentar seu poderio militar contra o Japão, o PCC lutava para sobreviver nas aldeias. Quando Mao se uniu com o oficial senhor de guerra Zhu De na fronteira meridional de Hunan-Jiangxi, eles inauguraram a área de base principal, mas logo se mudaram para as colinas de Jiangxi ao nordeste, com Ruijin como sua capital. “O princípio organizacional de Mao Zedong era igual ao de qualquer bandido de sucesso: por força e fraude (inclusive um novo ensinamento), a fim de obter as boas graças do povo local”<sup>76</sup>.

O PCC iniciou a Longa Marcha (Figura 14) no final de 1934 com o objetivo de encontrar uma nova base territorial na periferia do poder nacionalista. O PCC precisava de uma área para controlar e organizar. A Longa Marcha também ajudou a surgir um novo líder comunista, no qual durante a marcha, Mao já estava a se distanciar de seus colegas. Assim que se tornou o Chefe Único, ele preferiu morar em aposentos separados do resto da liderança, assim não poderia ter pares e, muito menos confidentes. O exército comunista, liderado por Mao Zedong e Zhou Enlai percorreu, entre 1934 e 1935, quase 10.000 km em condições extremamente duras. A marcha prolongou-se até que as tropas comunistas se estabeleceram no extremo norte da China.

---

<sup>75</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 69.

<sup>76</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 280.

Figura 14: Rota do Exército Vermelho durante a Longa Marcha



Fonte: (MAPA...,2015).

No decurso dos oito anos de guerra (1937-1945), grande parte do povo chinês estava em território ocupado pelos japoneses, enquanto outro segmento vivia na área controlada pelo Kuomintang, chamada China Livre. Após a rendição japonesa em 1945, a China ficou devastada e dividida. Ambos os lados, nacionalistas e comunistas, almejaram a uma autoridade central. Os norte-americanos simpatizaram com a China Livre de Chiang Kai-shek como uma aliada em tempos de guerra.

A embaixada americana e o quartel-general militar previam uma guerra civil na China após a Segunda Guerra Mundial, com o perigo de uma aquisição soviética do Norte da China. Para evitar uma guerra civil, recomendaram uma coalizão entre nacionalistas e comunistas. Ambos os partidos chineses adotaram aparentemente o “governo de coalizão” como uma meta pós-guerra, enquanto se preparavam para a luta final.

A dura realidade no outono de 1945 era bem diferente. Assim que a guerra com o Japão terminou, as forças comunistas cruzaram o Norte da China para obrigar os japoneses a se renderem a elas. Os nacionalistas reagiram ordenando que os japoneses combatessem os comunistas e recuperassem todos os territórios conquistados por eles. Logo surgiram numerosos combates entre comunistas e

japoneses, com o Governo Nacionalista utilizando os ex-agressores imperialistas para combater a revolução social.<sup>77</sup>

Logo a paz ser restaurada em agosto de 1945, as forças armadas nacionalistas eram duas vezes maiores em número que as do PCC, além de usarem equipamentos e suprimentos americanos e ter o apoio da Marinha dos Estados Unidos no transporte de tropas e fuzileiros. Os nacionalistas controlavam todas as grandes cidades da China e a maior parte do seu território, porém as razões pelas quais eles perderam foram por causa de uma série de ações erradas tomada no campo de batalha e a ineficiência atrás da linha de frente.

A guerra civil aconteceu basicamente no campo, no qual a mobilização da população por parte do PCC deu a seus membros uma superioridade na questão de logística e de inteligência. Assim sendo, em 1949, na batalha na região de Huai-Hai, ao norte de Nanjing, as unidades armadas nacionalistas foram cercadas por armadilhas de tanques cavadas por milhares de camponeses mobilizados por líderes do partido como Deng Xiaoping.<sup>78</sup>

Derrotadas pelos comunistas no continente, as tropas nacionalistas se retiraram para a ilha de Taiwan em 1949, no qual decretaram a mudança da capital da República da China para Taipei. Os nacionalistas levaram todo o equipamento militar, classe política e o que restou da autoridade nacional, e afirmaram que poupariam forças para um dia retornar ao continente. Embora banida do continente, a República Nacionalista da China em Taiwan ocupou o assento da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas até 1971 e foi reconhecida pela maioria dos membros da ONU como sendo a “China”.

Entrementes, o país se unificava outra vez sob a recém-proclamada República Popular da China. A China comunista se lançava em um novo mundo, em que estruturalmente pode se considerar uma nova dinastia, porém em substância, uma nova ideologia pela primeira vez na história chinesa. Havia, como ao longo de toda história, desafios que outros governos chineses lidaram, como a questão territorial e as fronteiras com diversos países. Acima de tudo, os Estados Unidos – que haviam saído da Segunda Guerra Mundial como uma confiante superpotência e estavam insatisfeitos com a vitória comunista na guerra civil chinesa – estavam envolvidos nos assuntos asiáticos. Era necessário equilibrar a experiência do passado com as exigências do futuro, e isso era claramente visto na China que Mao e o Partido Comunista haviam acabado de tomar.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 304.

<sup>78</sup> Ibid. p. 311.

<sup>79</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 70.

### 3 PERCEPÇÕES DE HEGEMONIA

Neste capítulo o trabalho tratará da composição do termo hegemonia e sua utilização como meio de se tornar uma potência no âmbito político, econômico, diplomático e militar. Também serão abordados outros meios que compõem a base para que um Estado possa ser associado como uma potência hegemônica.

O termo hegemonia origina do grego *hegesthai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”; ou também do verbo *hegemoneuo*, que significa “ser guia”, “conduzir”, “preceder” e do qual deriva “estar à frente”, “comandar”. Por ‘hegemonia’, o antigo grego entendia como o supremo comando do exército, assim sendo um termo militar. Na época das guerras do Peloponeso, falava-se de cidade hegemônica para indicar a cidade que comandava a aliança das cidades gregas (Atenas e Esparta).<sup>80</sup>

A palavra hegemonia tomou um segundo significado, desenvolvido por Antônio Gramsci para designar um tipo específico de dominação, uma capacidade de direção política e cultural de um grupo ou classe social sobre as demais classes sociais e suas frações. O conceito de hegemonia é apresentado por Gramsci como algo que não se aplica apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer.<sup>81</sup>

Sua teoria, como mencionado, refere-se a um grupo social ou classe social que se torna hegemônica quando sua construção ideológica consegue permear todos os níveis da sociedade, e se torna seu líder moral. Assim sendo, Gramsci aponta que a questão da hegemonia não deve ser compreendida como uma subordinação ao grupo hegemônico, mas pressupõe que deva levar em consideração os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, e estabeleça uma relação de compromisso e que faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa.<sup>82</sup>

Assim,

Esta capacidade de direção se expressa na concretização de um projeto político em uma forma de governo e de Estado através de um sistema de alianças, no qual as forças dirigentes universalizam e transcendem interesses particulares dos grupos, classes ou frações que aderem ao seu projeto.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> Informações disponíveis em: <<https://edukavita.blogspot.com.br/2013/01/conceitos-e-definicao-de-hegemonia.html>>. Acesso em 14 out. 2017.

<sup>81</sup> GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 1.

<sup>82</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2017.

<sup>83</sup> BOCAJUVA, Pedro C.C. VEIGA, Sandra M. **Novo vocabulário político**. Rio de Janeiro: FASE, 1992. p. 19.

O léxico hegemonia pode ser aplicado em diversas situações, mas sempre envolto pelos significados mencionados. O modelo mais comum de hegemonia é a que ocorre entre Nações, uma nação ou bloco de nações pode atingir uma hegemonia ao possuir um potencial significativo em distintas áreas, tais como política, militar, econômica, cultural ou em um desses, mas que é suficiente para se destacar acima dos outros.

Tendo conceituado de maneira geral a hegemonia, e tendo em vista a intenção dessa etapa do trabalho de analisar os percursos que construíram a hegemonia chinesa em várias dimensões, faz-se necessário apresentar os termos de soft power, hard power e smart power, uma vez que cada um deles se faz presente, em maior ou menor medida, nas estratégias chinesas em busca da hegemonia.

O poder de um Estado não reside, unicamente, na força militar, uma vez que depende também da capacidade de um país em influenciar as decisões de outros autores. O soft power baseia-se na capacidade de moldar as preferências do outro. Por definição, soft power significa fazer com que os outros queiram o resultado que você quer, e isso requer uma compreensão de como os outros entendem sua mensagem e, assim, se ajustar em conformidade com eles.<sup>84</sup>

Porém, o soft power não representa apenas uma influência, já que esta pode utilizar-se de coerções e ameaças. O soft power, então, é mais do que uma capacidade de persuadir ou de incitar as pessoas, ele é, também, uma capacidade de atração.<sup>85</sup> Um Estado encontrará menor resistência e contestação ao seu poder na medida em que a sua cultura e ideologia forem acolhidas pelos variados atores. É o poder cultural que, devidamente auxiliado, deve presidir aos esforços e acompanhar a evolução. Dessa forma, o soft power se baseia em uma estratégia pacífica, indireta, sutil, no campo da atração das ideias, na capacidade de convencer ao nível da cultura e ideologia.<sup>86</sup>

O soft power e a sua relevância para China se tornou um importante tópico de discussão nos seus círculos estratégicos. O soft power, como exposto por analistas chineses, é ainda um ponto fraco na busca da China de compreender o poder nacional e altamente entendido como uma ferramenta para propósitos defensivos, o que inclui cultivar uma melhor imagem da China para o exterior, e corrigir as percepções equivocadas da China, e afastar a política e cultura Ocidental invasivas na China.<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004, p. 6

<sup>85</sup> Ibid.

<sup>86</sup> PALLAVER, Matteo. **Power and its forms: Hard, Soft, Smart**. London, 2011, p. 86

<sup>87</sup> MINGJIANG, Li. **Soft Power in Chinese Discourse: Popularity and Prospect**. Singapore, 2008, p. 2.



O hard power, por sua vez, é uma forma de poder muito simples e intuitiva. É mais praticado espontaneamente do que o soft power, e até certo ponto, menos laborioso de por em prática – não em termos de recursos econômicos empregados, mas na relação da capacidade de entender o que o hard power requer para ser usado efetivamente. O hard power é definido, então, pela capacidade de obter o que você quer pelo uso do poder econômico ou pelo uso do poder militar, ao ameaçar outros que irá usar sua superioridade econômica ou suas capacidades coercitivas.<sup>88</sup>

Conseqüentemente, o hard power é fortemente baseado em recursos, e nesse sentido é visto de forma bem distinta do soft power, uma vez que é visto em termos clássicos, como uma forma de poder que se baseia na capacidade de um ator acumular o máximo de recursos necessários para impor sua vontade, aqui entendidos por recursos físicos no sentido de coisas tangíveis e não intangíveis, como ideias e opiniões. Nessa lógica, o hard power é totalmente diferente de soft power.<sup>89</sup> Como o hard power chinês não permite ainda contestar o poder do líder hegemônico, a China é obrigada, então, a usar métodos mais soft e menos suscetíveis a causar um “choque frontal”, extremamente danoso para um poder emergente. Assim, essa abordagem mais “soft” não desafia diretamente, por exemplo, uma hegemonia militar, mas usa ferramentas não militares para retardar, frustrar e enfraquecer as políticas unilaterais da superpotência.<sup>90</sup>

O smart power não é apenas hard ou soft power, ele é, na verdade uma combinação da articulação de ambos. Isso implica um desenvolvimento de uma estratégia integrada, uma base de recursos, e um conjunto de ferramentas para atingir o objetivo ao aproveitar tanto do hard como do soft power. É uma abordagem que salienta a necessidade de uma força militar, mas que também investe fortemente em alianças, parcerias e instituições de todos os níveis para expandir sua influência e estabelecer a legitimidade de sua ação. O smart power consiste em inovação, pois frisa em um caminho de decisões tomadas que dependem do contexto, da agenda política, instituições, alianças e parcerias e objetivo desejado, sendo, dessa forma, um processo.<sup>91</sup>

A China vem ampliando o seu smart power, especialmente nos últimos anos, pois tem como objetivo políticas de longo termo. E para isso, é necessário saber dosar soft e hard

---

<sup>88</sup> PALLAVER. Op. Cit., p. 81.

<sup>89</sup> Ibid.

<sup>90</sup> DUARTE, Paulo. Soft China: O Caráter Evolutivo da Estratégia de Charme Chinesa. **Scielo.br**. 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cint/v34n2/a05v34n2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

<sup>91</sup> Informações disponíveis em:<<http://harvardpolitics.com/world/chinese-smart-power-strategy/>>. Acesso em: 15 out. 2017

power. Pode-se observar esse uso do smart power em relação aos conflitos sino-japoneses sobre questões territoriais, por exemplo, no qual a rápida ascensão econômica chinesa e a estagnação da econômica japonesa provocaram conflitos no Mar da China Oriental. Outro caso são as políticas adotadas pela China para criar relações com diversos países pensando no futuro, uma vez que é uma maneira de consolidar sua hegemonia regional e evitar a interferência dos Estados Unidos que se preocupam com essa ascensão chinesa com temor de afetar o seu status no cenário internacional.<sup>92</sup>

A mudança da imagem e da influência da China se deve a uma variedade de fatores. A China se beneficiou com os erros dos Estados Unidos na Ásia, como a reação tardia a crise financeira asiática.<sup>93</sup> Todavia a transformação é também devida ao crescimento do soft power chinês – a habilidade de influenciar por persuasão ao invés da coerção. Essa atratividade pode ser transmitida por vários meios, incluindo a cultura, diplomacia, participação em organizações multinacionais, ações de empresas no exterior e a força econômica do país.<sup>94</sup>

O desenvolvimento no sistema e nas relações internacionais durante a década de 1970 permitiu a China atingir os objetivos de política externa de coexistência pacífica mais cedo do que outros países, ao considerar a ramificação da globalização do mundo pós-Guerra Fria. A China aproveitou as oportunidades surgidas sobre a nova onda de globalização, se recusou a classificar países de acordo com sua linha ideológica, constituiu uma política de reforma e de abertura, e seguiu de forma inabalável uma política externa independente de paz, tudo isso colaborou para um importante alicerce para a renovação política chinesa atual.<sup>95</sup>

O episódio que veio a romper com essas diretrizes diplomáticas chinesas, sendo contrária as premissas pré-estabelecidas, foi a tragédia de 4 de junho de 1989, na Praça de Tiananmen. O episódio conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial foi um protesto organizado por estudantes chineses reprimidos pelo governo chinês através do uso da força, o que resultou em muitas mortes. Todo esse ocorrido gerou uma mobilização internacional que resultou em sanções de países do Ocidente. Essas sanções forçaram os líderes chineses a focar

---

<sup>92</sup> Informações disponíveis em:<<https://www.the-american-interest.com/2008/03/01/smart-power-chinese-style/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

<sup>93</sup> Informações disponíveis em:<[carnegieendowment.org/files/PB\\_47\\_FINAL.pdf](http://carnegieendowment.org/files/PB_47_FINAL.pdf)>. Acesso 20 out. 2017

<sup>94</sup> Informações disponíveis em:<[http://carnegieendowment.org/files/PB\\_47\\_FINAL.pdf](http://carnegieendowment.org/files/PB_47_FINAL.pdf)>. Acesso em 21 out. 2017.

<sup>95</sup> YANG, Jiemian. **China's Diplomacy: Theory and Practice**. Shanghai: World Century, 2014, p. 13.

para sua esfera regional ao invés de depender unicamente dos países ocidentais, e desenvolver assim, a “diplomacia da boa vizinhança”.<sup>96</sup>

Essa estratégia se fortaleceu durante a década de 1990, quando os laços entre a China e os países asiáticos se estreitaram cada vez mais, especialmente após a crise asiática de 1997, e a China se tornou um dos maiores doadores de recursos aos países da região. É nesse período que emerge no discurso chinês a “diplomacia da grande potência com responsabilidades”, ou seja, a China passava a ter maiores responsabilidades nas comunidades internacionais e regionais.<sup>97</sup>

A década de 1970 foi essencial para os primeiros passos de ascensão pacífica, quando o encontro de Nixon e Mao junto com as políticas de Deng Xiaoping fundaram uma nova etapa da diplomacia chinesa, em que se viu uma China mais proativa no cenário internacional. A ideia de paz presente no conceito de ascensão pacífica chinesa possui duas características. A primeira é que é a essência da política de portas-abertas, que incorpora a premissa de ambiente externo pacífico para o desenvolvimento econômico, assim, confere com a supremacia dos interesses econômicos na política externa chinesa. A segunda característica é que a abordagem facilita a ideia de mudanças evolutivas nos meios diplomáticos e estratégicos. O governo chinês possui uma postura firme sobre o uso dos meios de diálogos e cooperação como melhor forma de consolidar e aprimorar as relações diplomáticas.<sup>98</sup>

Nesse sentido, a China em seus discursos mudou o termo “ascensão pacífica” para “desenvolvimento pacífico”, como uma forma de não dar brecha para que estudiosos e líderes políticos pudessem argumentar que o país iria desestabilizar a ordem internacional com o seu crescimento, uma vez que a China busca se tornar uma grande potência, mas de acordo com seus discursos de política externa, visa o desenvolvimento dos outros países concomitantemente ao seu, além de dar ênfase à “não pretensão à hegemonia mundial”. Todavia, há uma ideia de que o conceito de ascensão permanece ainda no conceito de desenvolvimento. Dessa forma, o fato de os chineses afirmarem frequentemente que não buscam a hegemonia, faz com que se questione se isso não seria apenas uma questão de discurso, mas que na essência a realidade seria outra.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> AMARAL, G. G. A “ascensão pacífica” na evolução da diplomacia chinesa das últimas décadas. Marília: Aurora, 2012, p. 79.

<sup>97</sup> Ibid.

<sup>98</sup> Ibid. p. 84.

<sup>99</sup> CHINA. **China’s Peaceful Development Road**. Beijing: State Council, 2005. Disponível em: <[http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222\\_230059.html](http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222_230059.html)> Acesso em 22 out. 2017.

Taiwan foi um dos motivos pela mudança do termo “ascensão pacífica”, pois pensar que a China poderia fazer o uso da força contra a independência de Taiwan, trouxe questionamentos sobre a política externa chinesa e o questionamento teórico também é relevante para entender mais o assunto.

Barry Buzan define ascensão pacífica como um meio para que um poder crescente atinja ganhos relativos como absolutos, tanto em âmbito material (econômico) quanto em seu status (político). Para ele, a “ascensão pacífica” envolve um processo de duas vias: uma em que o poder em ascensão se ajusta as regras e estruturas da sociedade internacional e a outra, em que ao mesmo tempo, outros poderes ajustam algumas mudanças nessas regras e estruturas por meio de uma nova disposição do poder e status. Dessa forma, o processo de ascensão pacífica da China envolve tanto ter que se adaptar às regras da sociedade internacional e os demais países se adaptarem às alterações na sociedade que forem desencadeadas pelo crescimento da China.<sup>100</sup>

Por outro lado, John Mearsheimer discorda de Buzan, pois não acredita que uma ascensão pacífica seja possível. Para o autor, assim como a história demonstrou, é improvável que uma nova potência surja no sistema sem gerar algum tipo de mudança. Ele afirma que é “provável que a China tente dominar a Ásia como os Estados Unidos dominaram o Ocidente. Especificamente, a China buscará maximizar a lacuna de poder entre ela e seus vizinhos, principalmente Rússia e Japão”, e isso causaria instabilidade no sistema, como já ocorrido na história. Assim, a premissa de ascensão sem desestabilizar a ordem é inválida para Mearsheimer.<sup>101</sup>

A China tem prezado, nas últimas décadas, a junção de suas políticas de poder na prática, alinhando simultaneamente seus interesses nos ambientes doméstico e internacional com a sua capacidade dissuasória e seu discurso convincente capaz de atrair economias interessadas em seus recursos, a China reitera sua articulação coerente entre suas políticas, analisando o uso adequado do “poder inteligente”.

Todavia, os esforços da China para apoiar o crescimento da economia doméstica e criar uma atratividade internacional não se configuram como algo tão simples. Enquanto muitos americanos estão supervisionando o crescimento do poder chinês e suas implicações para os Estados Unidos, muitos chineses exprimem preocupação sobre a sustentabilidade do

---

<sup>100</sup> BUZAN, Barry. **China in International Society: Is ‘Peaceful Rise’ possible?** Oxford University Press, 2010, p. 5.

<sup>101</sup> MEARSHEIMER, John J. **China’s Unpeaceful Rise**. Current History, Research Library, 2006, p. 162.

desenvolvimento do hard power da China e as desvantagens do soft power em face ao Ocidente.

Embora a China tenha atingido grandes objetivos em termos de poder econômico, ela ainda sofre com as visíveis desvantagens da estratégia “economia em primeiro lugar” – degradação ambiental, disparidade de renda, disparidade entre regiões, etc. Os líderes chineses perceberam isto e estão a promover as perspectivas do desenvolvimento científico, tentando mudar a perspectiva de consumo de recursos causada pelo excessivo investimento contínuo.<sup>102</sup>

Outro fator é que o sucesso da diplomacia chinesa está em perigo pela negligência em relação a temas como boa governança, proteção ambiental, direitos humanos, a qualidade dos produtos ou segurança alimentar. Por exemplo, pode-se citar a ajuda incondicional da China, sob a regra de não intervenção, para alguns governos autoritários foram acusados de apoiar ditadores ou regimes opressores, minando a legitimidade de sua política externa. Por último, a China ainda não possui uma sociedade civil ativa que possa promover o soft power internacionalmente. Grande parte da prática do soft power chinês – de ajuda humanitária a investimentos – é feito pelo governo chinês. Isto contrasta com os Estados Unidos, em que seu soft power é levado para outras nações pelos setores privados, como por exemplo, Hollywood ou ONGs.<sup>103</sup>

Tendo em conta o processo diversificado e ainda em construção da formação da hegemonia chinesa, o capítulo a seguir refletirá a respeito das inovações trazidas pelas lideranças chinesas a partir do fim do século XX, que permitiram a ascensão da China como potência e ator chave do cenário internacional.

---

<sup>102</sup> SHIMING, Fan. **Smart Power and China**. Disponível em: <[http://www.waseda.jp/gsaps/eai/research\\_program/pdf/PPT/7.%20Assoc.%20Dean.%20FAN,%20Shiming\\_Smart%20power%20and%20China.pdf](http://www.waseda.jp/gsaps/eai/research_program/pdf/PPT/7.%20Assoc.%20Dean.%20FAN,%20Shiming_Smart%20power%20and%20China.pdf)>. Acesso em 23 out. 2017

<sup>103</sup> Ibid. Acesso em 23 out. 2017.

## 4 A DINÂMICA CHINESA NOS SÉCULOS XX E XXI

Este capítulo tem como propósito abordar o progresso da política chinesa nos séculos XX e XXI a começar da revolução chinesa em 1946, que resultou na fundação da República Popular da China em 1949. Haverá toda a análise do desenvolvimento chinês até os dias presentes e assim presumir o possível futuro da China tanto no âmbito regional como no sistema internacional.

Dessa forma, irá ser debatido o processo da revolução maoísta, até o desenvolvimento chinês com abertura de mercado em 1978 e explorar conjuntamente as relações diplomáticas chinesas.

### 4.1 REVOLUÇÃO MAOÍSTA

O mais longínquo antecedente da Revolução Chinesa são as revoltas camponesas que percorrem toda a sua história moderna, onde essas revoltas foram o motor da história chinesa durante séculos. Quando eram limitadas geograficamente, eram facilmente isoladas e reprimidas. Contudo, várias regiões ou até o país inteiro eram atingidas, que resultava no colapso das autoridades locais e até a própria dinastia.

Porém, essas lutas de classes não provocavam uma substituição de uma classe por outra no Estado, pois os camponeses não conseguiam se articular nacionalmente como uma classe social não só capaz de lutar, como também mudar todo o sistema social através do exercício do poder. Ao mesmo tempo, não havia outra classe social que enfrentasse as dinastias, opondo outro sistema de produção, pois as classes possuidoras preferiam investir, segundo a tradição chinesa, em terras. Todavia, essa situação viria a mudar no século XX.<sup>104</sup>

Como já visto no primeiro capítulo, após a rendição do Japão – que exercia domínio sobre boa parte do território chinês - em 1945 na Segunda Guerra Mundial, a guerra civil entre comunistas e nacionalistas ganhara novo fôlego e terminou com a vitória de Mao Zedong (Mao Tsé-Tung) sobre Chiang Kai-shek em 1949. A 1 de outubro daquele ano, Mao proclamou a República Popular da China; Chiang se refugiou com o exército do Kuomintang em Taiwan e criou o governo da República da China. Durante a Guerra Fria, a República da China em Taiwan era reconhecida como o único governo legítimo da China pela Organização das Nações Unidas (ONU), mas, com os votos das novas nações independentes africanas

---

<sup>104</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: USP, 2015, p. 2.

cujos movimentos de libertação haviam sido apoiados por Pequim e a evolução dos interesses do bloco ocidental, o assento da China foi transferido para Pequim. O apoio norte-americano a Taipé se manteve inalterado, tendo um impacto evidente nas relações bilaterais entre Washington e Pequim.<sup>105</sup>

Sobre esse movimento, Kissinger ressalta que:

À testa da nova dinastia que, em 1949, veio como uma avalanche o campo para tomar as cidades estava um colosso: Mao Zedong. Assertivo e implacável em sua influência, frio e impiedoso, poeta e guerreiro, profeta e opressor, ele unificou a China e lançou o país numa jornada que quase arruinou sua sociedade civil. Ao fim desse processo traumático, a China despontava como uma das maiores potências mundiais e o único país comunista, excetuando Cuba, Coreia do Norte e Vietnã, cuja estrutura política sobreviveu ao colapso do comunismo em todos os demais lugares.<sup>106</sup>

Vale lembrar que Mao Zedong admirava profundamente o Primeiro Imperador e fazia questão de se comparar a ele em diversas questões. Alguns historiadores afirmam que essas comparações eram válidas em alguns sentidos, uma vez que o imperador pode ser comparado como uma espécie de tirano para seu povo e Mao ter sido também do tipo repressor e muitas vezes cruel. Um exemplo da tirania do Primeiro Imperador é que por não gostar de ouvir as queixas dos mestres, teria assassinado todos os que se queixavam.

A China liderada por Mao era, por intuito, um país em crise permanente; desde os primeiros dias de governo comunista, Mao desencadeou onda após onda de luta. O destino que Mao determinou para o país era a de purificar sua sociedade e a si mesmos mediante o empenho virtuoso. Para Mao, era necessário “esmagar” a China como um átomo, mas ao mesmo tempo produzir uma energia popular capaz de erguê-la a níveis cada vez mais elevados.

Dessa forma,

Como parte desse processo, Mao gerou um ataque profundo sobre o pensamento político chinês tradicional: onde a tradição confucionista valorizava a harmonia universal, Mao idealizava a rebelião e o choque de forças opostas, tantos nos assuntos domésticos como externos (e, de fato, ele via os dois como conectados – regularmente combinando crises no exterior com expurgos domésticos ou campanhas ideológicas).<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> MENDES, C. A. **República Popular da China**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 441-442. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38500/1/Republica%20Popular%20da%20China.pdf>>. Acesso em 24 out. 2017.

<sup>106</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 72.

<sup>107</sup> Ibid. p. 74.

Mao Zedong buscou uma transformação radical e instantânea e uma ruptura total com o passado. Contudo, em muitas maneiras, Mao encarnava e interpretava as contradições dialéticas que alegava manipular. Como cita Kissinger, “declarava-se apaixonada e publicamente anticonfucionista, mas era amplamente versado nos clássicos chineses e costumava citar os textos antigos”<sup>108</sup>. Apesar de proclamar a doutrina da “revolução contínua”, Mao sabia ser paciente e enxergar a longo prazo quando o interesse nacional exigia. Sua estratégia era a manipulação das “contradições”, mas ela estava a serviço de um objetivo último extraído do conceito confucionista conhecido como *da tong*, ou a Grande Harmonia. Na interpretação maoísta da história, a ordem confucionista manteve a China fraca e a sua “harmonia” era um meio de subjugação.

Visto que o movimento das Cem Flores<sup>109</sup> em meados de 1957 demonstrou uma considerável decepção dos intelectuais com o regime do PCC, Mao decidiu mudar sua política de luta de classes contra os intelectuais que discordavam do partido, utilizando-os como alvo da Campanha Antidireitista<sup>110</sup> a partir de junho de 1957. Entre 300 e 700 mil pessoas qualificadas foram destituídas e receberam o título difamante de “direitistas”, inimigos do povo. O objetivo era nulificar a ação ou a influência da República Popular, deixando inativa a mão de obra qualificada. Deng Xiaoping, como secretário-geral do PCC, teve papel ativo na Campanha Antidireitista.

#### **4.1.1 O Grande Salto para Frente**

Em 1958-1960, em torno de 20 a 30 milhões de pessoas morreram em virtude da desnutrição e fome causadas por políticas econômicas impostas pelo Partido Comunista Chinês. Apesar de diretamente ocasionado pelo presidente Mao, o Grande Salto para Frente (programa nacional de coletivização econômica) representou também o entusiasmo de milhões de pessoas originárias da zona rural. A motivação para o surgimento do Grande Salto para Frente surgiu do reconhecimento surpreendente, em fins de 1957, de que o modelo de crescimento industrial stalinista não era adequado às condições chinesas.

---

<sup>108</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 74.

<sup>109</sup> O Movimento das Cem Flores ocorreu na China, durante a década de 50. Ele consistia no incentivo a expressão das mais diversas escolas de pensamentos (inclusive anticomunistas) para que a China não se tornasse refém de uma única. O objetivo era melhorar a situação do país por meio da discussão entre as diversas ideias.

<sup>110</sup> Campanha Antidireitista ou Movimento Antidireitista foi uma série de campanhas para expurgar os indivíduos considerados “de direita” dentro e fora do Partido Comunista Chinês.



O Grande Salto para Frente foi um programa econômico e sociopolítico lançado pelo Presidente Mao Zedong com o intuito de converter a China de um país agrário e atrasado, em um país industrial, avançado e verdadeiramente socialista. Pela falta de planejamento e coordenação, por causa da resistência dos camponeses e de uma série de erros políticos, este programa acabou sendo um grande retrocesso. O colapso do Grande Salto para Frente e a consequente fome e depressão na China tiveram um grande impacto sobre a política partidária do país.

Esse programa foi resultado do cenário conturbado de disputas e tensões políticas internas e internacionais, além da necessidade de dar resposta aos problemas econômicos chineses, especialmente no campo. Mais do que isso, foi uma tentativa de reverter os resultados agrícolas ruins do Primeiro Plano Quinquenal, cujo objetivo era aumentar a produtividade no campo através de incentivos morais e da mobilização dos chineses com a participação direta dos dirigentes locais do PCC. Assim, o elemento central nos planos do Grande Salto era a mobilização política da nação.<sup>111</sup>

Uma das criações do Grande Salto foram as comunas populares, que iriam substituir as antigas cooperativas de produção agrícola, buscando suprimir os últimos resquícios de propriedade privada. Essas comunas reuniam cerca de 20 mil a 30 mil pessoas e criavam uma unidade social, agrícola, industrial, administrativa, cultural, médica e militar. Eram administradas por um Comitê Central que controlava a produção e organizava as Brigadas de Trabalho.

O período do Grande Salto foi marcado por diversos acontecimentos internacionais. Em 1959 teve início a Guerra do Vietnã e os chineses, no mesmo ano, derrotaram o movimento “separatista” tibetano do Dalai Lama e cerca de 100.000 pessoas se refugiaram na Índia. Em 1960, depois de várias discussões, a China cessou suas ligações com a União Soviética, em razão da sua discordância da “desestalinização” empregada por Nikita Khrushchev, o líder soviético. A ruptura teve duas origens: a luta pela hegemonia no sentido do movimento comunista internacional e os conflitos territoriais por toda a extensão da fronteira partilhada. Este rompimento dificultou ainda mais a situação no país, visto que a União Soviética retirou todos os seus técnicos e equipamentos da China e exigiu o pagamento imediato dos débitos chineses com o país.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> NABUCO, Paula. **O Grande Salto Adiante e a questão da transição chinesa**. 2009, p. 1. Informações disponíveis em: < [https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2009/trabalhos/o-grande-salto-adiante-e-a-questao-da-transicao-chinesa.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/o-grande-salto-adiante-e-a-questao-da-transicao-chinesa.pdf)>. Acesso em 26 out. 2017.

<sup>112</sup> Ibid. p. 4.

Em 1962, na disputa territorial sino-indiana, o Exército para a Libertação do Povo conseguiu uma rápida e espetacular vitória militar. Contudo, ao passo que a disputa sino-soviética tornava-se mais agressiva, fracassavam os esforços chineses para organizar os países subdesenvolvidos da Ásia e África contra a União Soviética. Enquanto os Estados Unidos intercediam de maneira intensa no Vietnã em 1965, os chineses prometiam não invadir o Norte daquele país por temer e, dessa forma, evitar um conflito sino-americano no estilo coreano. Desapontado com as relações internacionais, Mao foi capaz de sentir os tempos propícios para mais um grande esforço visando a reorganização do povo chinês.<sup>113</sup>

A situação econômica da China era tão grave e de difícil resolução que o presidente Mao teve de admitir sua falta de conhecimento em economia. O Grande Salto foi reconhecido como a catástrofe criada por Mao, e o seu fracasso e posterior balanço impôs severas mudanças nos rumos adotados pelo PCC. O setor que se opunha a Mao, liderado por Liu Shaoqi, Zhou Elai e Deng Xiaoping obteve uma vitória significativa na cúpula do partido.

Assim, estava a se formar o caminho para o que se tornou conhecido como “correntes divergentes” entre Liu, Deng e outros, defensores do conhecimento administrativo, e Mao e seus partidários, defensores de uma mobilização romântica baseada na ideia do campo como caminho para enfrentar os problemas cada vez mais graves da China.

Nesse sentido,

Com o fim do Grande Salto Adiante, Mao renunciou a todos os seus cargos, mantendo apenas a presidência do Comitê Central, sua principal base de apoio (e talvez a única naquele momento) era o exército, que se mantinha fiel às diretrizes do líder chinês. Sobre Mao pesavam as acusações, feitas por outros dirigentes, de ignorar a realidade econômica do país, buscando governá-lo baseado apenas em convicções políticas e no voluntarismo disseminado entre as massas.<sup>114</sup>

A China se manteve em um cenário de isolamento na década de 1960, por motivo da diminuição na importação de máquinas e equipamentos e o rumo à troca de importações. O procedimento de desenvolvimento interno da China pode ser definido em sete etapas segundo Hinton (1967). A primeira etapa (1949-1952) se baseou na exclusão da oposição organizada, de início de reformas democráticas e de restauração econômica. A segunda (1953-1955) foi uma etapa de consolidação e canalização política e começo da industrialização. A terceira etapa (1955-1956) equivaleu a colaboração de Mao Zedong no “crescimento socialista”, abrangendo um aceleração da socialização do comércio e da agricultura, além de um

---

<sup>113</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 351.

<sup>114</sup> NABUCO. Op. Cit., pp. 4-5.

intenso incremento em investimentos industriais, seguido de consentimentos políticos como a campanha das Cem Flores. A quarta etapa (1957-1958) foi inaugurada por uma crise política e de uma campanha de retificação, que se seguiu com a quinta etapa que constituía proporcionar uma concentração em massa de força de trabalho rural para a formação de uma indústria rural.<sup>115</sup>

No decorrer do período de 1960-1963 o PCC iniciou a sexta etapa, em que proclamou explicitamente a dependência da indústria pesada à agricultura e indústria leve, essa etapa ajudou na restauração do país, o que fez com que o PCC promovesse a sétima e última etapa, a de militarização em 1964.<sup>116</sup> Esse procedimento se deu por meio da inclusão de uma matéria militar em todas as instituições públicas, de oficiais políticos e de forças armadas para inspecionar os dirigentes dessas organizações. Liu Shaoqi foi designado presidente da República Popular da China e Deng Xiaoping tomou posse como secretário-geral do partido.<sup>117</sup>

O fracasso do Grande Salto enfraqueceu a liderança de Mao Zedong, o que fez com ele tentasse reconquistar o prestígio através do lançamento da Revolução Cultural, em 1966, apresentada a seguir.

#### 4.1.2 Revolução Cultural

A Revolução Cultural na China surgiu do Grande Salto e foi um grande movimento social de radicalização político-ideológica que tencionava a autossuficiência na República Popular da China iniciada em 1966 por Mao Zedong. Mao impeliu a China a uma década de frenesi ideológico, intolerância política feroz e uma quase guerra civil. Nenhuma instituição foi poupada das ondas de tumulto que se seguiram.

Milhares de estudantes, coordenados por Jiang Qing (a esposa de Mao Zedong), Wen Yuan, Zhang Chunqiao e Wang Hongwen, grupo que era intitulado como o “Bando dos Quatro”, elaboraram as Guardas Vermelhas e começaram as repressões políticas. Conforme Kissinger afirma, “distintos líderes do Partido Comunista e do Exército de Libertação Popular, incluindo líderes das guerras revolucionárias, foram vítimas de expurgo e

---

<sup>115</sup> HINTON, Harold C. **A China comunista na política mundial**. – Tradução de Alexandre Lissovsky, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1967, pp. 83-84

<sup>116</sup> Ibid.

<sup>117</sup> SULEIMAN, Amanda B. **O Desenvolvimento econômico chinês pós 1949**. São Paulo, FAAP, 2008, p. 8. Disponível em: <[http://www.faap.br/pdf/faculdades/economia/monografia/ciencias-economicas/2008/amanda\\_battaglini.pdf](http://www.faap.br/pdf/faculdades/economia/monografia/ciencias-economicas/2008/amanda_battaglini.pdf)>. Acesso em 26 out. 2017.

submetidos a humilhação pública”<sup>118</sup>. Escolas, universidades e fábricas permaneceram fechadas no decorrer dos anos com o propósito de se opor aos princípios da hierarquia do saber.

Mao aprovou ataques violentos contra a burocracia existente do Partido Comunista e contra os costumes sociais tradicionais e os encorajou a não temer a “desordem” conforme lutavam para eliminar os “Quatro Velhos” – velhas ideias, velhas culturas, velhos costumes, velhos hábitos – que, para o pensamento maoísta, mantivera a China enfraquecida.

Com a situação cada vez mais violenta e fora de controle, Mao se esforçou para moderá-la, mas raramente com sucesso. Qualquer que fosse a intenção romântica de Mao, a Guarda Vermelha se voltou para atividades destrutivas criando um regime brutal de terror, invadindo as residências dos ricos, dos intelectuais e dos funcionários, destruindo livros e manuscritos, humilhando, agredindo e até matando os seus ocupantes.

O resultado foi uma carnificina humana e institucional, à medida que um a um os órgãos chineses de poder e autoridade – incluindo os postos mais altos do Partido Comunista – sucumbiam aos ataques de adolescentes tropas de choques ideológico.<sup>119</sup> Com todas as pressões, Mao, em julho de 1968, extinguiu a Guarda Vermelha, que, segundo ele, havia falhado na missão, e ordenou que o Exército de Libertação Popular formasse comitês revolucionários em todas as províncias.

Durante a Revolução Cultural, as relações internacionais da China foram atingidas pelo mesmo fanatismo que a política interna, pois as hostilidades voltavam-se não apenas contra os antigos costumes, mas focavam também os estrangeirismos. A violência dos ataques da Guarda Vermelha prejudicou a área internacional da RPC, sobretudo após a Guarda Vermelha ocupar o Ministério do Exterior em junho de 1967, em que seus pelotões destruíram os arquivos e impossibilitaram a continuidade das relações exteriores.<sup>120</sup>

A Revolução Cultural também afetou significativamente as relações da China com os Estados Unidos e União Soviética. À medida que a guerra americana contra o Vietnã se intensificava após 1965, tanto os Estados Unidos como a China tomavam medidas para evitar o confronto direto. Em relação a União Soviética, as relações seguiram na direção oposta. A cisão, iniciada em 1960 e prolongada por meio de polêmicas e trocas de acusações, aumentou a hostilidade sino-soviética e incidentes começaram a ocorrer ao longo dos 6,4 mil quilômetros da fronteira entre os dois países. Forças soviéticas foram organizadas para

---

<sup>118</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 138.

<sup>119</sup> Ibid.

<sup>120</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 363.

controlar a situação.<sup>121</sup> Por volta do final de 1969, as relações com a União Soviética pioraram e a China aproximou-se dos Estados Unidos.

Além disso,

Os ataques da Guarda Vermelha em meados de 1967 provocaram uma crise em Hong Kong, mas isso foi amenizado depois que o ELP assumiu o poder e controlou a Guarda Vermelha em 1968. Atividades revolucionárias nas embaixadas chinesas em Burma e no Camboja levaram a incidentes violentos e à ruptura de relações. A política revolucionária de Beijing causou um conflito com patrulhas indianas na fronteira Sikkin-Tibete. Dessa vez os indianos estavam mais bem preparados e uma semana de combate se seguiu sem resultados. Quando a Coreia do Norte começou a colaborar espontaneamente com a União Soviética, as relações China-Coreia do Norte pioraram.<sup>122</sup>

A China não foi inteiramente estremecida pelas reformas socialista, dado que a reforma agrária, os progressos médicos-sanitários e a maior acessibilidade à educação nutriram avanços frente à extrema concentração das resoluções, do planejamento econômico e outras providências que fizeram parte do conjunto e colaboraram para o insucesso dos “anos negros” de 1959-1961 e o da Revolução Cultural de 1966-1969.

A Revolução Cultural encerrou oficialmente em abril de 1969, contudo suas atividades continuaram durante toda uma década, até 1976. Em 1976 ocorreu o falecimento de Mao Zedong, e em consequência disso, a Revolução Cultural se encerrou e em uma das avaliações das tentativas da implantação socialista no próprio país, o PCC ordenou em 1978, a modificação do padrão de idealização socialista no país, e aprovou – no encontro da 3ª Sessão Plenária do XI Comitê Central do PCC – por suposição de seu principal guia Deng Xiaoping um novo projeto de remodelação do sistema econômico.<sup>123</sup>

Hua Guofeng virou o líder supremo da China e mesmo que tenha ganhado a confiança de Mao, seu primeiro ato foi a prisão de seus apreciadores (Bando dos Quatro). Deng Xiaoping, que havia sido reintegrado por Guofeng, dominou nos anos seguintes a política chinesa. Os novos rumos estipulados para a China serão analisados a seguir.

---

<sup>121</sup> HINTON. Op. Cit., pp. 416-417.

<sup>122</sup> FAIRBANK. GOLDMAN. Op. Cit., p. 364.

<sup>123</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 232.

## 4.2 DESENVOLVIMENTO CHINÊS, A ABERTURA DE MERCADO E SUAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

A morte de Mao Zedong e o fim da Revolução Cultural, em 1976, abriram caminho para uma transição política que levaria à ascensão ao poder, em fins de 1978, de um grupo mais pragmático dentro do PCC, herdeiro de Zhou Enlai e liderado por Deng Xiaoping. Como ideia central dos objetivos da nova liderança, era o propósito duplo e complementar de rever o voluntarismo e o excessos ideológicos do período anterior e de empreender uma modernização pragmática da China, ecoando as Quatro Modernizações de Zhou Enlai (da agricultura, da ciência e tecnologia, da indústria e da defesa).

Deng possuía a visão de que o processo de modernização da China indicava para a adoção de reformas econômicas e para uma relativa abertura ao exterior, em consequência da carência de incorporação de tecnologias e capitais. Então, passou a rejeitar não apenas o igualitarismo utópico de Mao, mas também os elementos de xenofobia, autossuficiência e controle absoluto da produção pelo Estado.<sup>124</sup>

Nesse aspecto,

Mao destruiu a China tradicional e deixou os entulhos com blocos de construção para uma modernização completa. Deng teve a coragem de basear a modernização na iniciativa e resistência dos chineses individualmente. Ele aboliu as comunas e promoveu a autonomia nas províncias para introduzir o que chamou de “socialismo com características chinesas”. A China de hoje – com a segunda maior economia mundial e o mais amplo volume de reservas em moeda estrangeira, e com inúmeras cidades exibindo orgulhosos arranha-céus mais elevados que o Empire State Building – é um testemunho da visão, da tenacidade e do bom senso de Deng.<sup>125</sup>

A estabilidade política se tornou um fim e um meio para a nova liderança. De um lado, as incertezas e flutuações das quase três décadas sob Mao Zedong produziram insegurança e conflitos recorrentes na elite política chinesa, no seio do próprio PCC, o que acarretou em um desgaste de legitimidade e de credibilidade do Partido junto à sociedade ao longo dos anos 70. De outro lado, certa previsibilidade política passou a ser reconhecida pela liderança do PCC como condição para a recuperação do crescimento econômico e para o projeto de modernização da China, essenciais para a elevação dos padrões de vida da sociedade chinesa e, por acréscimo, da relegitimação do Partido.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> LYRIO, Mauricio C. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. Brasília, FUNAG, 2010, p. 88.

<sup>125</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 223.

<sup>126</sup> LYRIO. Op. Cit., p. 89.

O projeto da liderança chinesa pós-Mao de combinar previsibilidade política e reformas econômicas foi tão bem-sucedido que a China viveu seu período mais longo de continuidade do crescimento econômico e da manutenção da estabilidade institucional nos últimos dois séculos. Embora tenha sofrido, as transformações no período ocorreram em contexto relativamente estável, sem repressão de larga escala nem as constantes turbulências político-ideológicas e sociais que caracterizaram o período anterior.

Ainda sobre a importância da década de 1970 para a diplomacia chinesa, um dos marcos foi a abertura econômica desencadeada por Deng Xiaoping em 1978, que como já mencionado desenvolveu os principais setores da economia chinesa, tais como agricultura, defesa, indústria e tecnologia. O encontro entre Nixon e Mao anos antes, agregado às políticas de Deng, inauguraram uma nova fase na diplomacia chinesa, onde se percebe um país mais proativo na esfera internacional.<sup>127</sup>

A China ainda aborda a paz e o desenvolvimento como os principais temas de sua política externa e diplomacia ao persistir no desenvolvimento econômico como propulsor e consolidador desses objetivos. O governo ressalta que sua diplomacia visa criar um ambiente internacional pacífico e duradouro, para assim, promover o desenvolvimento doméstico. Assim, para melhorar as relações econômicas com os demais países, além de conquistar ganhos econômicos para a China, Deng Xiaoping instalou as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), que permitiu a entrada de capital estrangeiro mesmo mantendo forte controle estatal. Tais zonas se localizam no litoral chinês, próxima às regiões portuárias e urbanas e são ferramentas híbridas de administração (Figura 15).

---

<sup>127</sup> AMARAL, Op. Cit., p. 77.

Figura 15: Zonas Econômicas Especiais da China



Fonte: (REVOLUÇÃO...,2017).

Após ter restabelecido as relações com os Estados Unidos no fim da década de 1970, a China conseguiu sair do triângulo das superpotências (EUA, URSS e China) e deixou que o conflito se concentrasse entre norte-americanos e soviéticos. Desse modo, a China entra na década de 1980 preparada para maximizar os benefícios de lidar com o mundo em geral.

Além das medidas de abertura econômica, Deng procurou realizar uma nova rodada de descentralização política, iniciando por uma reforma fiscal em 1980, que se tratava de uma política que separava os setores fiscais das unidades administrativas federais, gerando maior autonomia para o crescimento local, seguida de uma reforma no aparelho de comércio exterior.<sup>128</sup>

Isso não quer dizer que não houve, no período, dissidências internas e externas ao PCC. A resistência foi particularmente aguda ao lançamento das ZEEs e, durante as décadas de 1980 e 1990, a ampliação do setor privado da economia e à abertura ao exterior, de maneira geral. O já mencionado Massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989, contrariou as diretrizes diplomáticas chinesas, pois a violência empregada ia de encontro às premissas pré-estabelecidas pelo governo chinês. Esse massacre veio em resposta a manifestações prévias da sociedade civil.

Um dos momentos mais emblemáticos ocorreu em abril de 1989 quando manifestantes, em sua maioria estudantes, se reuniram na Praça da Paz Celestial em Pequim em número superior a 100 mil pessoas, para protestar contra a corrupção, a falta de liberdade

<sup>128</sup> AMARAL. Op. Cit., p. 78.



e as condições de trabalho. Em maio, o governo decretou lei marcial e no mês seguinte atacou duramente os manifestantes.

No dia posterior ao massacre de junho, os estudantes voltaram a protestar e foi aí que surgiu uma das cenas mais conhecidas do século XX, quando um manifestante se postou diante de uma coluna de tanques com o objetivo de impedi-los de passar (Figura 16).<sup>129</sup>

Figura 16: Manifestante em protesto.



Fonte: (REVOLUÇÃO...,2017).

Esse acontecimento gerou uma mobilização internacional que resultou em sanções de países do Ocidente para com a China. Essas sanções pressionaram os líderes chineses a olhar para a sua esfera regional ao invés de depender exclusivamente dos países ocidentais e, desenvolver assim, a diplomacia da “boa vizinhança” – a primeira política regional que priorizava a Ásia.

Assim,

A China procurou ativamente normalizar as suas relações com países com os quais ela tinha até então relacionamentos instáveis, incluindo Indonésia, Coreia do Sul, Malásia, Singapura e Vietnã, além dos países não-asiáticos, tais como África do Sul e Israel. A China também tornou-se cada vez mais aberta para cooperação regional e

---

<sup>129</sup> IMAGO. **Revolução Chinesa**, 2007. Disponível em:< <https://imagohistoria.blogspot.com.br/2013/06/revolucao-chinesa-2-de-2-as-quatro.html>>. Acesso em 28 out. 2017.

redes multilaterais na Ásia como esforços para ajustar a relativa proporção de bilateralismo e multilateralismo em sua diplomacia.<sup>130</sup>

Ao final de 1989, Deng saiu do comando e Jiang Zemin foi elevado a secretário-geral do Partido Comunista. Na década de 1990, as relações da China e os países asiáticos se estreitaram cada vez mais, principalmente após a crise asiática de 1997 (mesmo ano da morte de Deng Xiaoping), onde a China se transformou em um dos maiores doadores de recursos aos países da região.

A crise que Jiang confrontara era bem complexa, onde a China estava isolada, sendo desafiada no exterior por sanções comerciais e em casa pelas consequências de uma inquietação em todo o território. Dessa forma, a década de 1990 foi o momento para a China fortalecer o setor doméstico e, a partir daí, se preocupar com as questões internacionais.

Conforme Kissinger trata,

Perto do fim da década, o que antes parecera uma perspectiva improvável tornou-se realidade. Durante toda a década a China cresceu a uma taxa não inferior a 7% ao ano, e muitas vezes a taxa de dois dígitos, continuando um crescimento no PIB per capita que se situa entre os mais duradouros e poderosos da história. Perto do fim da década de 1990, a renda média era de aproximadamente três vezes o que fora em 1978; em áreas urbanas, o nível de rendimento cresceu ainda mais drasticamente, cerca de cinco vezes o nível de 1978.<sup>131</sup>

Durante todas essas mudanças, o comércio chinês com os países vizinhos era próspero e desempenhava um papel econômico regional cada vez mais central. O país conseguiu controlar uma inflação perigosamente crescente no início dos anos 1990, ao implementar controles de capital e um programa de austeridade fiscal que mais tarde foi considerado responsável por poupar a China da crise asiática em 1997-1998. A China agora se via desempenhando um papel inédito, onde o país agora era cada vez mais proponente independente de suas próprias relações e uma fonte de auxílio emergencial para outras economias em crise.

Em 2001, o novo status da China foi consolidado com uma candidatura vitoriosa para sediar os Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim, e a conclusão das negociações que tornavam a China em um membro da Organização Mundial do Comércio (OMC).<sup>132</sup>

A admissão na OMC foi imensamente significativa para a China, e segundo Giovanni Arrighi, o país “concordou com um dos programas mais rápidos de corte de tarifas de

<sup>130</sup> CHUNG, Jae Ho. **China and Northeast Asia: A Complex Equation for ‘Peaceful Rise’**. Political Studies Association. Vol.27 (3). 2007, p. 157.

<sup>131</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 325.

<sup>132</sup> Ibid.

importação e de abertura de mercado já aceito pelos novos membros, e apesar dos problemas, cumpriu os prazos e aprovou as leis”<sup>133</sup>. Isso confirma as hipóteses de uma nação “normal”, responsável, que pretende se inserir no mundo por meio das instituições internacionais, se envolvendo em seus processos resolutivos, além de proporcionar maior credibilidade e, ao mesmo tempo, reduz as incertezas contra a China, invalidando também, ao menos em teoria, as premissas que serviam antes para discriminar os produtos chineses.<sup>134</sup>

Com um novo olhar para âmbito internacional e com objetivos mais ambiciosos, a China foi crescendo economicamente e ganhando visibilidade a ponto de se tornar a segunda maior economia mundial no século XXI. E esse caminho foi alcançado devido a política externa que o governo chinês adotou e que, já descrevia os passos que o país vinha dando a partir da “ascensão pacífica”.

Nos tempos atuais, a China passa por desafios, particularmente os associados à poluição ambiental, ao desperdício e à baixa taxa de reciclagem do país, que, associadamente, criam uma barreira ainda maior para o desenvolvimento sustentável. O padrão de crescimento não é tido como um padrão limpo, isto é, três décadas de industrialização guiaram a uma grande contaminação das reservas de água. Outro problema são as mudanças estruturais ocorridas por causa da industrialização que mobilizou uma grande quantidade de pessoas da área rural para a área urbana, e dessa forma uma grande parcela desse fluxo não foi integrada pelo emprego formal, o que gerou uma gama de funções sub-remuneradas.<sup>135</sup>

O ingresso da China no sistema internacional não se deu unicamente em organizações econômicas e comerciais, mas também tem integrado ativamente nos mais diferentes regimes, o que atesta a percepção multilateral de sua política externa. Contudo isto não significa que ela deixa de perseguir os seus interesses nacionais, mas o modo como passa a fazê-lo se dá em fóruns internacionais, sob a perspectiva de toda a sociedade internacional. Isto porque não pretende só deslegitimar políticas unilaterais de outros Estados, como objetiva anular a suspensão que existe sobre sua ascensão.<sup>136</sup>

---

<sup>133</sup> ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith in Beijing: Lineages of twenty-first century**. Londres: Verso, 2007, p. 277.

<sup>134</sup> MENDONÇA, Bruno M. **A transição de Deng Xiaoping e a China contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada**. Brasília, UNB, 2009, p. 41. Informações disponíveis em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1142/1/2009\\_BrunoMacedoMendon%C3%A7a.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1142/1/2009_BrunoMacedoMendon%C3%A7a.pdf)>. Acesso em 1 nov. 2017.

<sup>135</sup> SULEIMAN, Amanda B. **O Salto Econômico da China: Crescimento e mudança**. São Paulo, FAAP, 2008, p. 22. Informações disponíveis em: <[http://www.fAAP.br/pdf/faculdades/economia/monografia/ciencias-economicas/2008/amanda\\_battaglini.pdf](http://www.fAAP.br/pdf/faculdades/economia/monografia/ciencias-economicas/2008/amanda_battaglini.pdf)>. Acesso 1 nov. 2017.

<sup>136</sup> MENDONÇA. Op. Cit., p. 44.

Não obstante do tom multilateral, a China planeja realizar uma política externa independente, autônoma, porém sem que essa autonomia indique isolamento. A China mantém relações com países desenvolvidos e com países em desenvolvimento e, em tempos mais modernos, tem ressaltado o relacionamento com os últimos, num diálogo típico Sul-Sul, sendo uma das razões mais relevantes a quantidade de recursos que eles detêm e que interessam aos chineses para o aperfeiçoamento do seu crescimento.<sup>137</sup>

Uma das estratégias básicas de nova fase de política externa é a reaproximação com os países vizinhos. Sua influência era enorme e a necessidade de manter atualmente uma vizinhança estável, aliada à visão cada vez mais negativa da potência regional dominante (EUA), tem ocasionado o aparentado sucesso destas estratégias.

Aqui Perlez, citado por Arrighi, atesta que:

A sensação é de que a China está a tentar o melhor para agradar, ajudar, acomodar os vizinhos enquanto os Estados Unidos são vistos como país cada vez mais envolvido com sua própria política externa, impondo à força ao mundo esta agenda [...]. Agora, o sudeste da Ásia, cujos líderes tradicionalmente viam os Estados Unidos como âncora de segurança regional, falam sobre a necessidade de fortalecer o relacionamento com Pequim.<sup>138</sup>

A proximidade com os vizinhos tem intenções econômicas, geopolíticas e de segurança também, e esta proximidade tem gerado, além da influência política e cultural, uma gradual inserção econômica com os países da Ásia. As táticas de aproximação da vizinhança fortificam o argumento da busca da estabilidade para a continuidade do desenvolvimento chinês.

Uma das iniciativas recentes da China para dar continuidade no seu desenvolvimento é a iniciativa Um Cinturão, Uma Rota, ou a Nova Rota da Seda (Figura 17). Essa rota econômica engloba diversos países da Ásia, Europa e África e buscam, de acordo com autoridades chinesas, relações “win-win”, baseadas em “bases comuns de cooperação e desenvolvimento”.

Desse modo,

[...]sugerimos que a Iniciativa One Belt, One Road (OBOR) representa uma ampliação e aprofundamento de proatividade da China na configuração da dinâmica de integração regional. Antes centrada num vetor leste (ASEAN+1) e outro a oeste (OCX), agora alcança grande parte da Europa, Oriente Médio e até África. É nitidamente um transbordamento do protagonismo diplomático chinês e um alargamento do sistema sinocêntrico. E, naturalmente, assumir maior protagonismo

---

<sup>137</sup> MENDONÇA. Op. Cit., p. 47.

<sup>138</sup> ARRIGHI. Op. Cit., pp. 205-206.

implica em definir novo escopo de prioridades e lidar com os novos conflitos de interesses decorrentes dessas responsabilidades ampliadas.<sup>139</sup>

Figura 17 – Iniciativa da Nova Rota da Seda



Fonte: (POLÍTICA...,2015).

Como a China se associou a organizações internacionais e passou a integrar a comunidade global. Nesse sentido, foi preciso cada vez mais se submeter a normas internacionais e a negociar com países com diferenças marcantes. Todavia, não estava claro se isso reduziria os conflitos com seus vizinhos e com os Estados Unidos nos primeiros anos do século XXI.<sup>140</sup>

Alguns dos impasses centrais de segurança chinês são Taiwan, os conflitos de fronteira com a Rússia, conflitos de posse de algumas ilhas no pacífico, a questão do Tibete, o relacionamento por vezes tenso com o Japão, alguns movimentos extremistas no seu território, entre outros. Quanto a Taiwan, o governo chinês sempre deixou claro que se trata de um problema interno, mas se comprometeu a não o resolver pela força.<sup>141</sup>

A política da China ao lidar com a questão das armas nucleares da Coreia do Norte foi também motivo para um atrito com os Estados Unidos, pois para o governo americano, a abordagem moderada da China como o principal interlocutor com a Coreia do Norte não foi suficientemente firme. Embora os chineses estejam preocupados também com o desenvolvimento de armas nucleares na península coreana, eles não querem agir com muita severidade por medo de que qualquer tipo de mudança radical ou desestabilizadora pudesse

<sup>139</sup> PAUTASSO, Diego. UNGARETTI, Carlos R. *A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico*. Minas Gerais, PUC, 2017, p. 4.

<sup>140</sup> FAIRBANK. Op. Cit., p. 422.

<sup>141</sup> MENDONÇA. Op. Cit., p. 54.

levar milhões de norte-coreanos a cruzarem a fronteira da região produtora de ferro densamente povoada no Noroeste.<sup>142</sup>

Sobre esse assunto, Kissinger analisa que

É irônico que a proliferação nuclear na Coreia do Norte deva emergir na agenda do diálogo entre Washington e Pequim, pois foi sobre a Coreia que os Estados Unidos e a República Popular da China se cruzaram no campo de batalha pela primeira vez há sessenta anos. Em 1950, a recém-fundada República Popular entrou em guerra contra os Estados Unidos porque viu na presença militar americana permanente em sua fronteira com a Coreia uma ameaça à segurança chinesa a longo prazo. Sessenta anos depois, o compromisso da Coreia do Norte com um programa nuclear criou um novo desafio recriando parte das mesmas questões geopolíticas.<sup>143</sup>

Nos primeiros dez anos do programa nuclear norte-coreano, a China assumiu a postura de que era problema dos Estados Unidos e da Coreia do Norte chegarem a uma conciliação, uma vez que no argumento chinês, a Coreia do Norte se sentia ameaçada principalmente pelos Estados Unidos e, assim, cabia ao próprio Estados Unidos prover ao país a sensação de segurança necessária como substituto às armas nucleares. Mas com o passar do tempo, a China percebeu que a proliferação nuclear norte-coreana mais cedo ou mais tarde afetaria a segurança chinesa, pois, de acordo com Kissinger, “se a Coreia do Norte for aceita como potência nuclear, há grande possibilidade de que Japão e Coreia do Sul, e possivelmente outros países asiáticos como Vietnã e Indochina, acabem entrando para o clube nuclear, alterando a paisagem estratégica asiática”<sup>144</sup>.

Na província de Xinjiang, o governo luta para conter movimentos terroristas, além disso, o Tibete tem sido também um cenário de conflito, com o acirramento das tensões em 2008, antes dos jogos olímpicos na China. Ademais, parece haver no seio do povo chinês um grande sentimento nacionalista que por vezes vem à tona, como ocorrido em 2005, na visita do primeiro ministro japonês, Junichiro Koizumi, em que houve grande manifestação para mostrar a indignação quanto ao encobrimento das atrocidades do Japão durante a guerra sino-japonesa, ao longo da Segunda Guerra Mundial, nos livros do ensino médio e as visitas anuais de Koizumi ao santuário Yasukuni, que contém os restos mortais dos criminosos de guerra das invasões dos anos 30, durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>145</sup>

O desejo por democracia é outro problema. A história e a experiência de outros países, inclusive os vizinhos da China no Leste asiático, mostraram que a expansão de uma classe

---

<sup>142</sup> FAIRBANK. Op. Cit., p. 422.

<sup>143</sup> KISSINGER. Op. Cit., p. 336.

<sup>144</sup> Ibid.

<sup>145</sup> FAIRBANK. Op. Cit., p. 423

média com rendimentos e níveis educacionais elevados reivindicará, em um certo momento, maior espaço de expressão quanto as questões políticas. A classe média emergente chinesa não é grande suficientemente ou independente do apoio oficial para exercer uma pressão política efetiva. Não obstante, os vizinhos pós-confucianos da China – Japão, Coreia do Sul e Taiwan – demonstraram que não há nada no legado histórico e nos valores da China que a impeça de se direcionar para a democracia.<sup>146</sup>

Nesse sentido,

A contínua e crescente atenção dispensada à economia de mercado e a política de portas abertas que levou ao enfraquecimento do Estado chinês podem, com o tempo, gerar uma sociedade mais livre e democrática, à medida que a população se tornar mais próspera e começar a exigir maiores direitos. A participação da China na economia global dá mostras de que continuará sendo aberta e pluralista. A crescente integração econômica à comunidade internacional acarretará maior exposição às regras, padrões, leis, pressões, escrutínio e regulamentações de instituições internacionais.<sup>147</sup>

À vista disso, há uma crescente dicotomia entre o dinâmico crescimento econômico da China e a fragilização do governo, além do mais, as consequências das reformas chinesas – crescentes disparidades geográficas, desigualdade social, aumento de exigências e expectativas por parte da população, descontentamento da massa trabalhadora e danos ambientais, como poluição de ar, rios, aumento de doenças respiratórias e desertificação de imensas áreas – possuem o potencial para suscitar levantes sociais e instabilidade política que poderiam minar o sensacional sucesso econômico ocorrido na China nas duas últimas décadas do século XX.<sup>148</sup>

Sobre o futuro da Ásia, Arrighi reflete que

Se o crescimento da Ásia prosseguir como nas últimas décadas, dará um fim a dois séculos de dominação global da Europa e, em seguida, a seu gigantesco braço norte-americano. O Japão foi apenas o precursor do futuro da Ásia. O país se mostrou pequeno demais e voltado demais para si mesmo para transformar o mundo. O que vem atrás – a China, principalmente – não é nem uma coisa nem outra. [...] A Europa foi o passado, os Estados Unidos são o presente e a Ásia dominada pela China será o futuro da economia global. Esse futuro parece fadado a se realizar. As grandes perguntas são quando e quão suavemente ele se dará.<sup>149</sup>

---

<sup>146</sup> MENDONCA. Op. Cit., p. 58.

<sup>147</sup> FAIRBANK. Op. Cit., p. 427.

<sup>148</sup> Ibid.

<sup>149</sup> ARRIGHI. Op. Cit., p. 2.

Apesar dos desafios internos a serem superados, a China parece estar bem posicionada para ocupar um lugar de destaque nas relações internacionais do século XXI. Seu povo demonstrou historicamente uma capacidade incrível de se reerguer da miséria para alcançar a riqueza tão cobiçado por Deng. O caminho que a China tomará no século XXI é ainda uma questão aberta.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou o contexto histórico da formação da sociedade e do Estado chinês, sendo possível relacionar essas mudanças com a conduta atual da China, com o intuito de analisar as relações da China com demais países, principalmente sua situação em relação aos seus vizinhos, a partir de sua história e política adotadas. Propôs-se uma compreensão de toda a geopolítica que a coloca como um dos principais atores do sistema internacional, com grande possibilidade de ser o ator central no mundo em um curto espaço de tempo.

No primeiro capítulo, foi possível observar que as dinastias exerceram grande influência no modo de agir e tiveram enorme importância para a construção de uma identidade nacional com uma cultura única e admirável. O país passou por grandes dificuldades, mas sempre se manteve como uma grande potência e, quando esse status foi ameaçado, surgiu um líder como Mao Zedong capaz de reerguer o país rumo ao crescimento novamente.

No segundo capítulo, por meio do estudo do conceito de hegemonia e suas formas de aplicação, analisou-se que o status de hegemônico necessita de uma articulação muito bem desenvolvida para que esse processo não se torne conflituoso. Para isso, existem diversos meios de exercer uma hegemonia e, a China como visto neste trabalho, reviu sua política externa no final do século XX para atingir seus objetivos de desenvolvimento e exercer uma influência regional como ocorrida em tempos passados. Ela sempre buscou se relacionar no sistema internacional de forma pacífica, e assim, o governo chinês nas últimas décadas buscou por uma ascensão pacífica que não conturbasse o sistema internacional.

No capítulo seguinte, ao se articular as percepções acerca da hegemonia e as ações chinesas com vistas a ela, tem-se que Mao Zedong foi um líder fundamental para a mudança na estrutura chinesa. Após a fundação da República Popular da China em 1949, Mao elaborou reformas para transformar a sociedade chinesa e tornar a China em um país forte e independente. Deng Xiaoping foi articuloso ao revisar as políticas adotadas por Mao Zedong – que foram muito rígidas em certas ocasiões - e ao assumir a liderança em 1978, tomou uma atitude pragmática que reinseriu a China no cenário internacional como um dos principais atores, ao efetuar a abertura do país para o comércio estrangeiro, que resultou em um crescimento econômico incomparável.

Nos últimos 30 anos, a China busca uma autonomia mundial e, para isso, sua política é voltada para gerar alianças que tragam um retorno no desenvolvimento do país. Essa política, como citada, tem propósitos pacíficos, uma vez que a intenção do governo chinês não é atingir a hegemonia mundial, mas o desenvolvimento de seu país com relações amistosas, principalmente na Ásia.

A China tem o potencial para se tornar a superpotência mundial, uma vez que a sua história demonstra sua capacidade de lidar com situações adversas. Além disso, a China se tornou o que é hoje com seus próprios esforços, com uma construção de identidade da sociedade com o país e, essa identidade se dá desde as unificações das primeiras dinastias, progredindo ao longo de sua história.

Há 40 anos, a China era tida como uma potência, porém sem a tecnologia e indústria das potências ocidentais. Após a abertura em 1978, a China teve um avanço que não era visto em nenhum outro país e, este avanço, permitiu a China ser a potência que ela é, só que agora com tecnologia e indústria que competem com qualquer país no mundo, o que faz dela um ponto de interesse para diversos países.

Podemos perceber esta mudança quando em um clima de antiglobalização, dominado por protecionismo, isolacionismo e populismo, o conceito de cooperação internacional inclusiva, justa e racional é defendida pela China em suas iniciativas como a nova Rota da Seda que promete a todos os povos envolvidos um desenvolvimento sustentável e a esperança de um futuro. Esse espírito de união, de cooperação ganha-ganha, de benefício mútuo e de desenvolvimento comum está permitindo estabelecer uma nova ordem internacional mais justa e inclusiva.

As iniciativas da China visam um retorno de longo prazo, e esses altos investimentos fazem com que alguns suspeitem que a intenção da China é se expandir para alcançar uma influência global. Todavia, à medida que os projetos foram sendo implantados ao longo dos últimos anos, mais e mais países viram esperança e oportunidade nos projetos chineses, e estão ansiosos para participar cada vez mais dessa estrutura de cooperação.

Com isso, em um período de aproximadamente 20 anos, ou seja, um período de curto/médio prazo em termos de desenvolvimento e crescimento de uma nação, a China demonstra ter construído uma estrutura tecnológica, industrial, econômica e institucional para se tornar a gigante hegemônica asiática, além de desempenhar o papel de superpotência no sistema internacional, superando a superpotência atual que é os Estados Unidos, porém agirá conforme a sua história e seus próprios princípios.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Rodrigues C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, v. 80, p.71-96. 2010. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>>.
- AMARAL, Gabriela G. A “ascensão pacífica” na Evolução da diplomacia chinesa das últimas décadas. **Aurora**, Marília, v. 6, n. 1, p.71-94, jul-dez., 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2719/2142>>.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith in Beijing: Lineages of twenty-first century**. Londres: Verso, 2007.
- BOCAYUVA, Pedro C.C. VEIGA, Sandra M. **Novo vocabulário político**. Rio de Janeiro: FASE, 1992.
- BUZAN, Barry. **China in International Society: Is “Peaceful Rise” possible?** Oxford University Press, 2010.
- CHINA. **China’s Peaceful Development Road**. Beijing: State Council, 2005. Disponível em: <[http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222\\_230059.html](http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222_230059.html)>
- CHUNG, Jae Ho. **China and Northeast Asia: A Complex Equation for ‘Peaceful Rise’**. *Politics*, 27: 156–164, 2007
- COUTO, Sérgio P. **A Extraordinária História da China**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- DINASTIA Ming. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<https://goo.gl/gLPtWP>>.
- DINASTIA Qing. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<https://goo.gl/Bfv5MF>>.
- DINASTIA Shang – Primeira Dinastia na história da China registrada. **portuguese.cri.cn**, 2014. Disponível em:<<http://portuguese.cri.cn/chinaabc/chapter14/chapter140102.htm>>.
- DINASTIA Xia-Primeira dinastia na história da China. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174860.htm>>.
- DINASTIA Yuan. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<https://goo.gl/2iEAJG>>.
- DINASTIA Zhou do Oeste e Estados Combatentes. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<http://portuguese.cri.cn/801/2013/11/07/1s174862.htm>>.
- DUARTE, Paulo. Soft China: o caráter evolutivo da estratégia de charme chinesa. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 501-529, Dec. 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cint/v34n2/a05v34n2.pdf>>.
- FAIRBANK, John K.; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história**; tradução de Marisa Motta. 3 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HAN. **portuguese.cri.cn**, 2013. Disponível em:<<https://goo.gl/cbyymY>>.

HINTON, Harold C. **A China comunista na política mundial**. – Tradução de Alexandre Lissovsky, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1967.

HISTORIA DA CHINA ANTIGA. **Período Zhou**. Disponível em:<<http://china-antiga.blogspot.com.br/2007/07/perodo-zhou.html>>.

IMAGO. **Revolução Chinesa**, 2017. Disponível em:<<https://goo.gl/xoTiqV>>.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**; tradução Cássio de Arantes Leite. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KOREH, Raya. **The Chinese smart power strategy**, c2015. Disponível em:<<http://harvardpolitics.com/world/chinese-smart-power-strategy/>>.

KURLANTZICK, Joshua. China's Charm: Implications of Chinese Soft Power. **carnegieendowment.org**, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/v1yohe>>.

LYRIO, Mauricio C. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. Brasília, FUNAG, 2010.

MAHBUBANI, Kishore. **Smart Power, Chinese Style**, 2008. Disponível em:<<https://www.the-american-interest.com/2008/03/01/smart-power-chinese-style/>>.

MATIAS, Albertino S. **China – De Confúcio a Mao-Tsé-Tung**. – Lisboa: Europa-América, 1967.

MENDES, Carmen A. **República Popular da China**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

MENDONÇA, Bruno M. **A transição de Deng Xiaoping e a China contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada**. Brasília, UNB, 2009. Disponível em:<<https://goo.gl/eE9ZEL>>.

MINGJIANG, Li. **Soft Power in Chinese Discourse: Popularity and Prospect**. Singapore, 2008.

NABUCO, Paula. **O Grande Salto Adiante e a questão da transição chinesa**. 2009. Disponível em:<<https://goo.gl/ZUM5fh>>.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

PALLAVER, Matteo. **Power and its forms: Hard, Soft, Smart**. London, 2011.

PAUTASSO, Diego. UNGARETTI, Carlos R. **A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico**. Minas Gerais, PUC, 2017.

SHIMING, Fan. **Smart Power and China**. Disponível em:<<https://goo.gl/v7JXZg>>.

SULEIMAN, Amanda B. **O Salto Econômico da China: Crescimento e mudança**. São Paulo, FAAP, 2008. Disponível em:<<https://goo.gl/dw8qVr>>.

YANG, Jiemian. **China's Diplomacy: Theory and Practice**. Shangai: World Century, 2014.